

R e v i s t a ADVENTISTA

JANEIRO - 2008



O Retorno da Glória

ESPECIAL

Mensagens de Reavivamento



Revista ADVENTISTA

“Eis que cedo venho”

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S.A.

Director: Eduardo Teixeira
Coordenador Editorial: Manuel Ferro
Chefe de Redacção: Maria Augusta Lopes
Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira e Paulo Sérgio Macedo
Programação Visual e Diagramação: Sara Sayal

São bem-vindos todos os manuscritos, mesmo os não solicitados, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso. Se forem enviadas fotos, elas só serão devolvidas em caso de pedido expresso, senão ficam a fazer parte do arquivo da Publicadora SerVir.

E-mail: revista.adventista@pservir.pt

Proprietária e Editora:

Publicadora SerVir, S.A.
 R. da Serra, 1 Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 201
Director Comercial: Enoque Pinto

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)
Responsável: Maria Helena Marcos
 R. da Serra, 1 / Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

Expedição e Armazém:

R. da Serra, 1 / Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

Impressão e Acabamento:

Tipografia Peres
 Venda Nova - Amadora
 Tiragem: 1800 exemplares
 Depósito Legal N° 1834/83
Preço: Número Avulso: €1.60
 Assinatura Anual: €16.00

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E.R.C. –
 DR 8/99 artº 12º N° 1a
 ISSN 1646-1886

Ano 59 – Nº 728 / JANEIRO 2008



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

OPERANDO A RENOVAÇÃO

De acordo com o Plano Estratégico da IASD “**Exaltai a Cristo – Anunciai ao Mundo**” apresentado na RA de Dezembro último, o Plano de Acção para o quinquénio 2007-2012 está assente em 5 verbos de acção baseados na letra “C” de Cristo, pois é a Ele que queremos Exaltar e Anunciar ao mundo. A nós, como membros da Igreja em Portugal, compete-nos exaltá-Lo e anunciá-Lo nesta pequena parte do mundo. É-nos lançado o desafio de o fazer como comunidade, mas também como famílias e como indivíduos. Sim, cada crente, individualmente, tem esta dupla missão de exaltar a Cristo e de O anunciar na sua pequena esfera de acção, isto é: familiares, amigos, colegas de trabalho, colegas de escola, etc. Se o fizer, está a cumprir a sua parte neste grande projecto a nível mundial.

Este ano de 2008 tem como alicerce (ponto de partida) o verbo “**Construir**”. A ideia base é construir uma vida cristã coerente, uma vida que se coadune com os ensinamentos da Palavra de Deus, que se assemelhe à própria vida de Cristo. Esta é, sem dúvida, uma das formas mais sublimes de exaltar a Cristo. Um dos pressupostos externos mencionados na supracitada RA, na p.16 diz: “**A coerência da vida de cada membro de igreja, dentro e fora dela, contribuirá muito para que se verifique a eficácia do Evangelho, no crescimento pessoal e na melhoria da qualidade de vida, levando outros a desejar experimentá-lo.**” O primeiro pressuposto interno reforça a mesma ideia dizendo: “**Cada membro de Igreja deve reflectir a transformação operada pela sua adesão a Jesus Cristo. Isso traduzir-se-á em pensamentos, palavras e actos que mostrem de forma inequívoca a presença de Cristo na sua vida.**”

Se o conhecimento deste Plano Estratégico chegou até si, se está a ler este editorial e esta Revista, acredite que é um sinal da confiança de Deus em si. Deus sabe que é possível o irmão/ã exaltar a Cristo na sua maneira de viver. Mais do que um convite, é um desafio que Cristo está a lançar à Sua Igreja em Portugal, o de uma consagração total, mais ainda, o de uma verdadeira ressurreição espiritual. Penso que chegámos ao momento de nos comprometermos seriamente com Cristo, para que não nos suceda o que sucedeu ao povo de Israel; veio o Messias e não O reconheceram como tal.

No início deste novo ano, o primeiro fim-de-semana foi separado para escutarmos mensagens de reavivamento. Deus quer encontrar-Se com cada filho Seu a fim de despertar em cada crente o sentimento de urgência na preparação de um povo habilitado para o Senhor. Estamos a propor que o Sábado, dia 5 de Janeiro, seja um sábado de jejum nacional, mas não um jejum tradicional. Propomos que durante toda a semana nos preparemos para um encontro pessoal e especial com o Senhor, suplicando a Deus que nos ajude a entender o que Ele tem para nos dizer. Todo o tempo livre resultante do não comer, deveria ser empregue na comunhão com Deus através da reflexão, confissão e oração. Façamos deste dia um dia de verdadeira festa espiritual com o Senhor. Estou consciente da urgência de Deus em terminar com esta separação e da Sua vontade em fazer deste ano um ano de viragem na nossa vida, operando assim a renovação da mente como apela Paulo em Romanos 12:1-2.

“Com pessoas renovadas à imagem de Jesus, famílias consagradas ao Seu serviço e comunidades adventistas unidas pelo Espírito Santo, a Igreja sentirá o poder reformador do amor de Deus e preparar-se-á para O servir, respondendo ao Seu apelo para o discipulado. Este é um ano que convida a renascer”.

RA de Dezembro 2007, p.17. ■

Pastor José Eduardo Teixeira
 Presidente da UPASD



O Verdadeiro Jejum

Isaías 58

Pastor José Eduardo Teixeira
Presidente da UPASD



Quando lemos o episódio da cura de um jovem lunático, relatado em Mateus 17:14-21, ficamos impressionados pela diferença abissal entre a impotência dos discípulos em curar o jovem e a forma simples da actuação de Jesus ao resolver o problema. A disparidade é tão chocante que os próprios discípulos, atónitos e mesmo envergonhados, Lhe fazem uma pergunta: *“Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo?”* A resposta de Jesus, possivelmente ainda os deixa mais confusos: *“Por causa da vossa pouca fé.”*

É muito natural que na mente dos discípulos surja uma interrogação que não ousam

verbalizar: ‘Desculpa lá, Senhor, como é que Tu fazes essa afirmação se, em outras ocasiões, já realizámos milagres semelhantes a este (Lucas 9:6)?’ Jesus antecipa-Se à pergunta que não é feita e diz: **“Esta casta de demónios não se expulsa senão pela oração e o jejum.”** *“Os escribas atribuíam esta incapacidade dos nove discípulos ao suposto superior poder do demónio, declarando que o controlo de Jesus estava limitado aos demónios de poder inferior. O problema real, contudo, não se encontrava no poder do demónio, mas sim na impotência espiritual dos discípulos”* (SDABC, sobre Marcos 9:29). Por isso é dito que só com uma grande ligação ao Pai, através da oração e do jejum, é possível vencer o inimigo. Cristo não Se refere apenas à oração feita para expulsar demónios. O problema não está na oração ou na repreensão do inimigo feita no momento. Cristo quer que os discípulos entendam que o poder do Senhor se manifesta quando existe uma vida de contínua permanência junto de Deus.

Se, ao jejuarmos, negligenciamos estes períodos de íntima ligação ao Todo-poderoso, então, o deixarmos de comer não é mais do que um sacrifício na tentativa de comprar o favor de Deus.

Oração...

Analisando brevemente a afirmação de Jesus, e se pudesse resumir em breves palavras o que é a oração, diria que é um momento de intensa comunhão com Deus. Um momento intenso de profunda reflexão nos atributos divinos e na condição humana. A oração é estar na presença directa de Deus, usufruindo de todos os benefícios que isso implica, sendo os principais: a tomada de consciência da minha indignidade, mas também a certeza do amor e interesse de Deus na minha pessoa, apesar da dita indignidade.

Jejum...

Distinguindo assim a oração, o que poderemos dizer do jejum? Em poucas palavras também, o jejum é um momento ainda muito mais intenso de comunhão com o Senhor. O que deve caracterizar o jejum não é o sacrifício de não comer, mas sim a necessidade de estar com Deus pela aflicção que estamos a viver ou pelo louvor que Lhe queremos prestar. Pelo simples

facto de não se perder tempo na confecção dos alimentos, nem nos preparativos e participação nas refeições, temos muito mais tempo livre, o qual deve ser empregue na comunhão íntima e profunda com o Pai. Este tempo é precioso para reconhecermos a nossa dependência de Deus e estarmos conscientes da necessidade dos méritos de Cristo. É perante estes factores que os demónios tremem e se sujeitam ao poder de Deus.

Ligação com Deus

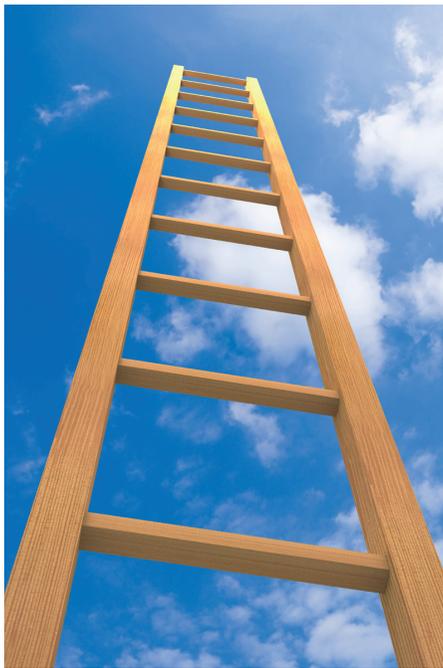
Se, ao jejuarmos, negligenciamos estes períodos de íntima ligação ao Todo-poderoso, então, o deixarmos de comer não é mais do que um sacrifício na tentativa de comprar o favor de Deus. Vejamos o que Deus diz através do profeta Isaías, no cap. 58:2-4 (permitam-me apresentar o texto na versão em português corrente): *“Procuram por Mim dia após dia, e mostram desejo em conhecer os Meus caminhos. Até parecem uma nação que pratica a justiça, e que não abandonou os mandamentos do Seu Deus. Vêm pedir-Me a sentença justa e sentem-se contentes por estarem próximos de Deus. Dizem-Me:*

‘Para quê jejuar, se Tu não fazes caso disso? Para quê mortificar-nos, se não prestas atenção?’ Mas no dia do vosso jejum, buscais os vossos interesses, e oprimis todos os vossos empregados. Jejuais entre rixas e contendas, dando bofetadas impiedosas. Não devem jejuar como têm feito até agora, se querem que a vossa voz seja ouvida nos céus.”

Sim, não é deste tipo de jejum que Deus Se agrada. *“Seria este o jejum que Eu escolheria: que o homem um dia aflija a sua alma, que incline a sua cabeça como o junco, e estenda debaixo de si saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aprazível ao Senhor?”* (v. 5) O importante para Deus não é o sacrifício, pois isso nunca fará do dia de jejum um “dia aprazível ao Senhor”. Contudo, não devemos minimizar a sua importância. O

jejum físico, além de permitir ganhar tempo para o encontro com o Senhor, também é positivo, porque permite ter uma mente mais desanuviada para melhor compreensão e interiorização da vontade de Deus.

Mas, qual é, então, a sugestão de Deus para o verdadeiro jejum? É o que vem expresso nos versículos 6 a 9: *“Porventura não é este*



o jejum que escolhi? que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? e que deixes livres os quebrantados, e despedaces todo o jugo? Porventura não é, também, que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne? Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do Senhor será a tua retaguarda. Então clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás, e ele dirá: Eis-me aqui: se tirares do meio de ti o jugo, o estender do dedo e o falar vaidade.”

Vários tipos de jejum

Neste breve relato, há vários tipos de jejum que Deus nos pede: jejum da impiedade; jejum de

colocar jugos sobre os outros e sobre nós mesmos; jejum do egoísmo; jejum da vaidade; jejum da crítica. Seria bom que cada um de nós dedicasse algum tempo a reflectir nas implicações de cada um destes jejuns a fim de os experimentar no quotidiano da vida. Também estes factores mencionados anteriormente nos roubam tempo e energias que poderiam ser empregues na reflexão e comunhão com Deus. E que dizer de alguns outros “agentes modernos” que nos roubam preciosas horas, impedindo uma maior aproximação de Deus?

Se a Palavra de Deus fosse escrita hoje, não pediria Deus que jejuássemos do trabalho em excesso, dos excessivos encontros com amigos para festas e mais festas, de televisão, do cinema, da Internet, dos jogos de computador, das horas gastas a ouvir músicas que não edificam, do futebol, das telenovelas, etc., etc.?

Deus e nós

Estamos no limiar do reino de Deus. Estou perfeitamente convicto de que toda esta movimentação em volta do Plano Estratégico, a nível nacional e mundial, não é obra de homens. É Deus que nos está a agarrar pela mão, insistindo connosco para uma entrega sem reservas, porque está desejoso de nos levar para o lar. Permitam-me dirigir-me a cada um de vós, individualmente. O dia 5 de Janeiro será o dia de jejum a nível nacional. Começa a jejuar alguns dias antes, talvez escolhendo alimentos mais simples e diminuindo a sua quantidade. Porque não jejuar também da televisão, da rádio, dos jornais, de filmes, da música profana alguns dias antes do fim-de-semana consagrado ao reavivamento? Deus quer falar-te a ti e a mim. Oro ao Senhor para que nos dê forças para aproveitar bem esta oportunidade soberana de renascer. ■

*Pastor José Eduardo Teixeira
Presidente da UPASD*

PLANO PARA AS REUNIÕES DE REAVIVAMENTO

Os textos para as reuniões de reavivamento são adaptados do livro *O Retorno da Glória*, de Randy Maxwell, e têm três objectivos:

1) Ajudar-nos a reflectir sobre a nossa situação real como membros, como famílias e como igreja, no que respeita à relação com Jesus e à perspectiva do derramamento do Espírito Santo.

2) Levar-nos a tomar consciência da urgência do chamado de Deus para uma mudança da nossa parte, em face do adiantado da hora e da sonolência em que parece que estamos mergulhados.

3) Ajudar-nos a tomar decisões firmes, claras, no âmbito da vida pessoal, familiar e de igreja, de modo a mudarmos o que houver a mudar, com a ajuda e a direcção de Deus, para que o Pentecostes II seja uma realidade e Jesus venha muito em breve.

PROPOMOS O SEGUINTE PLANO:

Os textos estão divididos por dias, de modo a começar as reuniões na Sexta-feira à noite, continuar com o culto solene e com uma reunião na parte da tarde de Sábado. A quarta reunião terá lugar no Domingo à tarde ou à noite e a última reunião será efectuada na Quarta-feira, no momento da reunião de oração.

Entre o Domingo e a Quarta-feira, será útil dar aos membros “trabalho de casa”, isto é, a leitura dos textos intitulados “PARA CASA”, pedindo-lhes que os leiam, reflectam e orem, individualmente e em família, usando, se o desejarem, as sugestões.

A leitura dos textos nas reuniões será, certamente, uma ajuda preciosa no desenvolvimento das mesmas. No final de cada texto, são feitas algumas sugestões para reflexão. Podem ser encontrados outros temas nos textos. O desenrolar das reuniões deverá ser de acordo com as respostas, as necessidades e as reacções dos membros.

Sempre que possível, os membros poderão reflectir em pequenos grupos, ou em família, sobre os temas sugeridos e depois apresentarem as suas conclusões ou decisões.

Deverá haver momentos especiais e específicos de oração em todas as reuniões. Recomendamos que não se ore sem um objectivo claro. É preferível fazer orações curtas e directas, para que mais pessoas possam orar.

Como ponto fundamental de todo este plano, propõe-se que o Sábado de reavivamento seja um dia de jejum e de consagração a Deus. Não se trata apenas de uma questão de comer ou não. Trata-se mais de uma abertura total a Deus, excluindo tudo o que possa interferir nesses momentos tão solenes e importantes para a vida espiritual de todos e de cada um de nós.

Deverá haver música, seja ela especial ou hinos do hinário, que crie o espírito e o ambiente em que Deus possa manifestar-Se.

Como meio de motivar e envolver os membros/famílias nas decisões tomadas, propomos que, na última reunião, depois de chegarem a conclusões e decisões firmes e transformadoras, se escreva um documento tipo ‘**Declaração de Missão**’. Esse documento pode ser entregue a todos os membros/famílias e afixado no quadro da Igreja, se o desejarem.

Resumo do Plano

Dia 4 – Sexta-feira à noite (Introdução)
“9h30 – Vivendo a Meia-Noite do Mundo”

Dia 5 – Sábado (manhã)
“A Glória do Impossível”
 Sábado (tarde)
“A Fronteira Ocidental”

Dia 6 – Domingo (tarde/noite)
“A Glória do Abatimento”
 Entrega do texto – **“Para Casa”**

Dia 9 – Quarta-feira (noite)
“A Geração do Reavivamento”

2008 – CONSTRUIR...
1º Semestre: Construir Famílias Envolvidas
2º Semestre: Construir a Unidade da Igreja

9h30m – Vivendo a Meia-Noite do Mundo

SEXTA-FEIRA

Despertei em sobressalto. O meu coração ainda continuava acelerado enquanto eu apalpava na escuridão à procura dos meus óculos, de um lápis e de um bloco de papel. Depois de acender o candeeiro, rapidamente rabisquei o sonho que me agitara até eu despertar.

Parecia que eu estava numa sala ampla onde muitos teólogos, evangelistas e pastores se encontravam reunidos com uma finalidade qualquer. Enquanto os meus olhos percorriam o recinto, vi personalidades impressionantes. Os nomes de algumas são bem familiares na nossa denominação. Não sei o que estava a fazer nessa reunião de pregadores. Mas sei que, em seguida, fiz uma pergunta: “Que horas são?”

Os homens sabiam que eu não queria saber sobre o tempo literal. Um por um, eles começaram a alvejar-me com todo o tipo de frases feitas: “É quase meia-noite”, disse alguém. “Estamos a viver nos

próprios dedos da estátua de Daniel 2”, gritou outro.

“Não”, disse eu com um certo grau de irritação. “Não foi isso o que eu quis dizer. Sei que este é o tempo do fim. O que quero saber é onde estamos na linha do tempo.” Bem, essa tentativa de esclarecimento falhou e eu continuei a procurar respostas descritivas sobre o adiantado da hora. Finalmente, frustrado, eu disse: “Se a segunda vinda de Cristo é representada pela ‘meia-noite’, como o momento em que devemos estar preparados para O encontrar, onde se situa o povo de Deus nesse mesmo relógio?”

Nessa altura, um dos mais destacados evangelistas do grupo olhou-me e disse calmamente: “Nove e meia.” A sala ficou em silêncio. A força daquelas palavras foi como uma bala certa no coração e na consciência de cada um dos presentes. Embora profeticamente seja quase meia-noite no grande conflito entre Cristo e Satanás, o povo de Deus está a viver como se ainda fossem 9h30!

Acho que poderia encontrar consolo no facto de que foi apenas um sonho, e pôr isso de parte. Poderia, se não fosse tão verdadeiro, especialmente para mim.

Estes textos podem ser difíceis de ler. E foram, por certo, difíceis de escrever. Não porque aquilo que eu tenho a dizer seja muito profundo e complexo. É justamente o contrário. O que tenho a dizer é simples e básico. Todavia, evito as conclusões a que os textos conduzem. Esperei ansiosamente que esses pensamentos fossem impressos, com sentimentos iguais de agitação e temor. Agitação porque creio que é a nossa geração que vai participar do reavivamento da primitiva piedade, a qual Ellen White descreveu como a maior de todas as nossas necessidades. Temor porque o abismo entre onde estou e onde Deus deseja que eu esteja espiritualmente é muito grande. Porque estou a viver como se fossem apenas 9h30, quando é quase meia-noite!

O assunto do reavivamento tem sido há algum tempo o tema dos meus escritos e pregações, um ideal e uma meta. Gosto de falar e meditar sobre esse tópico. Quanto mais medito sobre ele, mais agitado fico. Contudo, não posso voltar atrás.

O reavivamento não me permite fantasiar o altar. Ele chama-me a morrer nele. O reavivamento não me permite contentar-me

com uma “graça barata” – aquela graça que, no dizer de Bonhoeffer, “concedemos a nós mesmos”, pregando perdão sem exigir arrependimento. O reavivamento exige que eu procure a “graça cara” – graça que inclui uma cruz e um chamado ao discipulado. Ele ridiculariza a minha imitação de vida devocional, questiona o meu comprometimento parcial com Cristo, rejeita os meus compromissos com o pecado e assombra-se com a minha falta de compaixão pelas incontáveis massas de homens e mulheres, jovens e menos jovens que perecem diariamente sem o conhecimento de Jesus como seu Salvador pessoal.

Reavivamento – o verdadeiro reavivamento bíblico – não é o que eu pensava que fosse. Vamos, por um momento, fazer um pequeno jogo de associação de palavras. Recentemente, vi um apresentador circense fazer um jogo com o auditório. Ele disse: “Tenda”. Os espectadores gritaram: “Circo!”

“poder” ou “milagres”, ou “grande pregação”, ou “igrejas repletas”? Eu diria. Mas, depois de examinar o Livro e os grandes reavivamentos do passado, entendi que as minhas reflexões estavam fora de sincronia. Essas coisas são mais o resultado do que o conteúdo do reavivamento.

James Burns disse: “O motivo por que o reavivamento sempre foi impopular para a maioria dos membros da igreja é que ele nada lhes diz acerca do poder que aprenderam a amar, ou de facilidades e sucesso; ele acusa-os de pecado, diz que estão mortos e chama ao despertamento, à renúncia ao mundo e a seguir a Cristo.”

Porquê este assunto agora? Porquê reavivamento?

Permitam-me responder com uma pergunta similar: Porque é que há um desfibrilador na sala de urgências? Para ressuscitar o morto! Para incendiar um coração que se tornou gélido. A igreja – não, eu não posso ocultar-me atrás de generalidades – eu estou espiritualmente morto. Eu sou indiferente em relação às pessoas perdidas ao meu redor, que não sabem o que eu sei. Eu estou muito ocupado para ler a minha Bíblia, muito cansado para orar; sou demasiado amante das comodidades e dos confortos deste mundo, para me preparar para o reino. Eu estou sob “código vermelho” na sala

celestial de emergência, e necessito que o Espírito Santo traga a Sua “ambulância”, diga “OK” e me toque com os



Quando digo “reavivamento”, que palavras e imagens vêm à vossa mente? Vocês diriam

eléctrodos reanimadores da fé, agora, trazendo-me de volta da morte espiritual. E você?

Sei que muitos dos que estão a ler-me neste momento têm fome de Deus na sua vida. Sei disso porque tenho conversado com eles e ouvido os “gemidos da fome” na sua conversação. Há uma crescente inquietude com “o viver às 9h30 na meia-noite do mundo”.

Ótimo. Não vamos alongar-nos mais.

Nesta série de textos, desejo pintar um quadro do que pode acontecer quando o povo de Deus ora pelo reavivamento. Duas pessoas que observam a mesma pintura não vêem as mesmas coisas. Mas o conteúdo básico da pintura não muda. O meu propósito é revelar as características do povo a respeito do qual Ellen White fala na página 69 do livro *Parábolas de Jesus*:

“Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo na Sua igreja. Quando o

carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente no Seu povo, então virá para os reclamar como Seus.”

Esta declaração, há tanto tempo carregada de tons perfeccionistas, é realmente nada mais do que uma expressão do anseio, por parte de Cristo, de ver o Seu coração a bater no peito dos Seus filhos. Ele aguarda, como o faz a própria Natureza (ver Rom. 8:19), que a Sua glória seja final e plenamente revelada em vocês e em mim. “Ele espera que sintamos falta d’Ele”, disse Chuck Swindall. “O lamentável é que, no caso de muitos de nós, Ele tem esperado muito tempo em vão.”

Não quero deixá-l’O mais tempo à espera, e vocês? O tempo está a findar.

Já não são 9h30, meu povo. Estamos próximos da meia-noite.

Agora é o tempo de fazer a oração de Asafe: “Vivifica-nos, e invocaremos o Teu nome” (Sal. 80: 18). Senhor, traz a ambulância! Traz o reavivamento! Traz de volta a glória! ■



Sugestões para reflexão



1. Analise, com o grupo, o conceito de tempo, tal como é aqui apresentado. Se achar preferível, peça que se reúnam em pequenos grupos e que o façam, apresentando depois as suas conclusões.
2. Segundo o autor, estamos na sala de urgências e precisamos de ser reanimados. Analise com o grupo o que pode ter provocado essa morte e quais os passos que levaram até essa situação.
3. Acham que deve haver um reavivamento?
4. O que é o reavivamento e onde começa? Como e com quem?
5. Pode haver um reavivamento agora, na sua igreja? Se sim, porque não está a acontecer? Se não, porque não? O que impede que aconteça?
6. Será preciso esperar a chegada do fim para que aconteça? Ou nesse momento será demasiado tarde?
7. Na presente condição, crê que poderíamos ser salvos, se Jesus viesse hoje?
8. Orar, individualmente e em grupos, pela iluminação do Espírito Santo para que abra os nossos olhos e toque o coração.

A Glória do Impossível

Nunca seremos realmente espirituais se só ficarmos sentados a desejar sê-lo. Precisamos de empreender algo tão grande que só o possamos conseguir com ajuda.

Phillips Brooks

CULTO DE SÁBADO

Qualquer um pode fazer um bom plano mediante o qual pessoas boas possam ir para o Céu. Só Deus pode fazer um plano segundo o qual pecadores, que são Seus inimigos, podem ir para o Céu.

Lewis Sperry Chafer

Haveria coisa alguma difícil ao Senhor?

Gênesis 18:14

Deus ama as coisas “impossíveis”. Talvez isso explique porque é que Ele ama tanto a igreja. A julgar pela aparência, parece impossível que a igreja consiga ser como o Salvador a quem ela professa seguir.

Foi G. K. Chesterton quem disse: “O cristianismo não foi experimentado e julgado deficiente. Ele foi considerado difícil e não experimentado.” Aparentemente, ao considerar o comportamento de muitos cristãos, Chesterton constatou uma contradição entre profissão e prática. Essa incoerência permanece até hoje.

Devo confessar que há ocasiões, quando olho para mim mesmo e para a minha igreja, em que penso: “Semelhantes a Cristo? Impossível!” Lembra-se da

citação que fiz na introdução? “Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo na Sua igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente no Seu povo, então virá para os reclamar como Seus.” Essa afirmação faz-me coçar a cabeça e perguntar-me se o ferimento que a Sra. White sofreu quando era menina não terá feito com que ela estivesse temporariamente a sonhar ao dizer essas palavras.

Não quero ser desrespeitoso, mas como pode isso ser possível?

Digo: “Senhor, como pode a minha geração ser aquela que reproduzirá perfeitamente o Teu carácter? Já olhaste para nós ultimamente, Senhor? Estamos demasiado cansados, demasiado distraídos, demasiado centrados em nós mesmos, demasiado ocupados e superficiais, para reproduzir o Teu carácter.”

Também não lhe parece assim? Será que não houve

outras gerações mais preparadas para a tarefa? Que dizer do início do século 18, durante o “Grande Despertamento”, quando Jonathan Edwards inflamou a Nova Inglaterra com o evangelho e testemunhou milhares de conversões a Cristo? Ou quando George Whitefield e John Wesley procuravam pecadores como “um comando a invadir uma praia”? Se observasse esses homens, J. C. Ryle teria dito: “O papel inverteu-se: todo o Céu foi derramado sobre a Inglaterra em 1739.” Que tal o início do século 19, quando Guilherme Miller, José Bates e Josias Litch conseguiram em toda a parte cristãos prontos para se encontrarem com o Senhor?

Esses gigantes da fé não possuíam TV cabo, DVDs, telemóveis, palm tops, computadores, leitores de CD, consolas de jogos, fax ou internet para os distrair. Eram profundos estudantes da Bíblia, certamente mais preocupados em chorar pelos perdidos do que em sair rapidamente da igreja após o meio-dia.

Porquê agora? Porquê a nossa geração? Porque Deus gosta de utilizar “as coisas loucas do mundo para envergonhar as sábias”. Ele não abre mão de escolher “as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes”. Ele alegra-se em usar as coisas “que não são, para reduzir a nada as que são”. Porquê? “A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (I Cor. 1: 27-29). Quando Deus faz coisas impossíveis, não há equívocos quanto a quem deva receber o crédito. E quando realizar a impossível proeza de reproduzir o Seu carácter nesta geração laodiceana, Ele receberá toda a glória!

O DEUS DO IMPOSSÍVEL

Talvez o maior reavivamento já havido não tenha sido iniciado por meio de um homem chamado

Roberts, Wesley ou Finney. Não, o maior reavivamento de todos os tempos teve lugar num vale de ossos através de um homem chamado Ezequiel.

Ezequiel foi chamado ao ofício profético cinco anos depois de ele, e mais 10 000 judeus, terem sido exilados em Babilónia. Zedequias sucedeu a Jeoiaquim como rei de Judá, mas no seu 11º ano (586 a.C.), Judá foi finalmente aniquilado. O remanescente do povo foi feito prisioneiro, o templo incendiado e Jerusalém destruída. Os sobreviventes cativos e exilados estavam totalmente derrotados, deprimidos e sem esperança. O Salmo 137:1-6 expressa a sua inconsolável dor pela perda da sua terra natal e do favor de Deus. Eles diziam:

“Junto aos rios de Babilónia nos assentámos e chorámos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros, que há no meio dela, pendurámos as nossas harpas, porquanto aqueles que nos levaram cativos nos pediam uma canção; e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos um cântico de Sião. Mas como entoaremos o cântico do Senhor em terra estranha?”

Consegue sentir a depressão deles? É como um enorme suspiro.



Se tivermos um problema que o homem pode resolver, então não temos um problema.

Eles tinham perdido os seus lares, a sua identidade, a sua liberdade e a sua música. Com sádica alegria, os seus captos babilónios troçavam, pedindo que cantassem “um cântico de Sião”. Mas as harpas tinham sido penduradas nos salgueiros. Não poderia haver canção de Deus numa terra estranha.

Os exilados hebreus tinham um provérbio que impregnava o seu dia-a-dia: “Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados.” Talvez esse provérbio andasse na mente de Ezequiel no momento dessa visão.

O que piorava a situação era o relato oriundo da terra natal – Jerusalém – referente a uma terrível batalha final na qual a carne dos guerreiros prostrados tinha sido retirada dos seus ossos, e esses ossos deixados a alvejar ao sol ardente. Estas notícias eram quase insuportáveis. Esses homens eram os seus pais, maridos e filhos! Se os relatos fossem verdadeiros, era um desastre de proporções sem paralelo.

Mas, para Ezequiel, a dor ainda maior era a da morte espiritual do seu povo. Os exilados tinham-se tornado mortos entre os vivos. E esse é sempre o caso quando se perde a esperança. Quando a nossa capacidade de esperar se extingue, estamos entre os mortos-vivos. Sempre que o nosso amor a Deus e aos nossos semelhantes se torna frio e superficial, o Senhor diz: “Vocês estão mortos, ressequidos, derrotados e mortalmente entorpecidos.”

Você não fica feliz porque Deus não parou aí? O Senhor não nos deixa entregues ao nosso desespero. Podemos estar espiritualmente mortos, mas é aí que começa a alegria! É aí que Deus executa a Sua obra. Os hebreus podem ter estado mortos entre os vivos, mas o que Deus queria que Ezequiel testemunhasse era como Ele os

tornaria vivos entre os mortos! Ele queria que Ezequiel soubesse – assim como nós – que, quando ocorre o reavivamento, “as coisas impossíveis aos homens são possíveis a Deus” (Luc. 18:27).

O RESTO DA HISTÓRIA

O capítulo 37 de Ezequiel transporta-nos para um vale cheio de ossos.

Esses ossos são descritos como “sequíssimos” (verso 2). Sem dúvida, esses ossos já estavam ali há muito tempo. Pilhas semelhantes de ossos humanos não eram desconhecidas no mundo antigo. Depois de sangrentas batalhas, o exército vitorioso sepultava os seus mortos. O exército derrotado, no entanto, frequentemente deixava os seus mortos no campo de batalha. Os cadáveres eram deixados ali para humilhar os conquistados.

O objectivo era envergonhar e intimidar. Os exércitos de Israel tinham caído diante de Babilónia, e as enormes pilhas de ossos eram um grotesco memorial, para todos os que as vissem, do decisivo triunfo de Babilónia.

O Senhor leva Ezequiel a dar um passeio entre os ossos. Pode imaginar o que Ezequiel estava a sentir perante a visão dos ossos secos revelada diante dele! De repente, o Senhor fez uma pergunta ao profeta: “Filho do homem, acaso, poderão viver estes ossos?”

O Senhor faz algumas perguntas realmente incríveis! A Abraão, a pergunta foi: “Pode uma mulher de 90 anos de idade ficar grávida?” A Moisés, Deus perguntou: “Pode o mar abrir-se e o teu povo cruzá-lo como por terra seca?” A Elias, o Senhor perguntou: “Pode descer fogo do Céu em resposta à oração?” Aos discípulos: “Será que vocês podem alimentar 5000 pessoas com um lanche?” E a Marta e Maria, a pergunta foi: “Pode o vosso irmão, que já está morto há quatro dias, voltar à vida?”

A resposta óbvia a todas essas perguntas é “Não!” Estas são, humanamente falando, impossibilidades. São problemas que estão fora do alcance humano. Certa vez, ouvi o Pastor T. D. Jakes dizer que, se tivermos um problema que o homem pode resolver, então não temos um problema. Segundo essa definição, Ezequiel estava a enfrentar um problema real.

“Podem esses ossos reviver, Ezequiel?” A resposta óbvia é “Não”. Mas, lá no íntimo da sua mente, Ezequiel lembra-se de ter ouvido falar de uma coluna de fogo que vaporizou o novilho no altar cheio de água no Monte Carmelo. Lá no íntimo da sua consciência, Ezequiel lembra-se de ter ouvido falar de um caminho através do Mar Vermelho. E lá bem no fundo do seu banco mental de dados, Ezequiel recorda-se de uma mulher de 90 anos com enjoos de gravidez.

Subitamente, Ezequiel toma consciência de Quem está a fazer a pergunta. E, nesse momento de introspecção, o perplexo profeta lembra-se ainda de outra das incríveis perguntas divinas: “Haveria coisa alguma difícil ao Senhor?” (Gén. 18:14).

A HESITAÇÃO DE EZEQUIEL

Mas, em vez de um sonoro “Não!”, Ezequiel titubeia. Há um momento de hesitação. O profeta oscila entre o que ele crê e o que vê. Ele crê, como diz o hino infantil, que “o meu Deus é tão grande, o meu Deus é tão poderoso, não há nada que o meu Deus não possa fazer”. No entanto, está a olhar para algo totalmente impossível.

Se você estivesse lá, não pensaria da mesma forma? Eu sei que sim. A nossa fé diz-nos uma coisa e os nossos olhos vêem outra.

Creemos que Deus proveu o maná no deserto; mas vemos a carta de demissão nas nossas

A sequidão que existe nas nossas igrejas começará a ser curada quando o espírito de crítica for substituído pelo espírito de encorajamento.



mãos e enfrentamos a fila do desemprego.

Creemos que Deus ressuscitou Lázaro dentre os mortos, mas vemos uma família destrocada pelo divórcio, ou o caixão de um ser amado baixar à sepultura.

Creemos que Deus curou os leprosos e expulsou demónios, mas vemos na expressão do médico que as radiografias não trazem boas notícias, e sentimos o impacto psicológico de um passado abusivo.

Pois é, podemos compreender a hesitação de Ezequiel. Entendemos quando ele evita a pergunta divina e responde de forma evasiva: “Senhor Jeová, Tu o sabes” (Ezeq. 37:3).

Será que o seu filho ou filha afastados voltarão algum dia a Cristo e serão salvos?

Será que o juiz vai suspender a sentença do seu filho? Será mantido o perdão? A sua esposa, o seu marido, voltará para casa? Terá você a promoção que merece? A igreja a que pertence deixará a sua trajetória rumo à morte e encontrará nova vida em Cristo? A nossa fé quer dizer “Sim”, mas os nossos olhos dizem “Não”, e a nossa boca responde como a de Ezequiel: “Senhor, Tu o sabes. Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!”

Da próxima vez que esteja a olhar para ossos secos na sua vida, oscilando espiritualmente entre fé e circunstância, entre o que você pode ou não pode ver, e esse impasse o estiver a debilitar e a matar por dentro, lembre-se das três ordens de Deus, que vêm a seguir. É assim que o Senhor ressuscita ossos secos:

1. Fale a Palavra do Senhor.

Repare nas instruções que Deus deu a Ezequiel no verso 4: “Disse-me Ele: Profetiza sobre estes ossos e diz-lhes...” Mas, as pessoas falam com ossos? Normalmente não! É estranho, não é? Mas nós servimos um “estranho” e maravilhoso Deus, cujos pensamentos não são os nossos pensamentos, e cujos caminhos não são os nossos caminhos. “Porque, assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos” (Isa. 55:9).

A palavra hebraica para “profetizar” é *naba*, cuja raiz significa “falar (ou cantar) por inspiração (a predizer coisas ou a falar simplesmente)”. Creio que Deus quer que sejamos estimuladores – para dizermos (ou profetizarmos) palavras de esperança, de vida e conforto aos feridos e desamparados. Muitas das nossas igrejas estão a ser arruinadas pelas críticas e isso precisa de acabar.

A sequidão que existe nas nossas igrejas começará a ser curada quando o espírito de crítica for substituído pelo espírito de encorajamento. Disse o apóstolo Paulo: “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem” (Efés. 4:29).

Imagine a transformação que isso provocaria na igreja! Apresente a Palavra de Deus às pessoas. Fale sobre Cristo. Demore-se nas Suas promessas e amor. Não incentive o desânimo. Não faça mexericos nem insinue dúvidas.

Toda a palavra de dúvida por nós proferida, é um convite às tentações de Satanás; isso robustecerá em nós a tendência para duvidar... Se exteriorizarmos os nossos sentimentos, toda a dúvida que manifestarmos não somente terá sua reacção sobre nós mesmos, mas será uma semente que germinará e dará fruto na vida dos outros; e talvez se torne impossível destruir a influência das nossas palavras... Como é importante que só saia dos nossos lábios aquilo que promova vida e força espirituais!

Precisamos de orar: “Senhor, põe as Tuas palavras na minha boca, para que eu possa animar alguém cada dia.”

2. “Ouvi a palavra do Senhor!”

(verso 4). Após a ordem para falar aos ossos, foi-lhes dito: “Ouvi a palavra do Senhor!” Os ossos geralmente não ouvem bem, pois não? Mas quando Deus fala, as águas dividem-se, cai fogo do céu, cadáveres dançam e ossos ouvem!

Repare que apenas duas coisas trazem esses ossos à vida: a Palavra de Deus e o Espírito de Deus. Nada mais. Nada do homem. Nada de Ezequiel. Nada dos ossos. Essa é uma clara evidência de que necessitamos hoje da Palavra de Deus como nunca antes. Infelizmente, a pura Palavra de Deus está a tornar-se rara.

O mundo perece pela carência do evangelho. Há fome da Palavra de Deus. Poucos pregam a Palavra não misturada com tradições humanas. Embora os homens tenham nas mãos a Bíblia, não recebem as bênçãos que Deus colocou nela, para eles. O Senhor chama os Seus servos para levar a mensagem ao povo.

Certamente obteríamos mais da Palavra de Deus se começássemos a vivê-la. Profissão sem prática não faz sentido. Ouvir sem praticar é igualmente nulo. Ouvir e praticar são sinónimos para a mente judaica. Disse o apóstolo Tiago: “E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos” (Tia. 1:22). Se você não age com base naquilo que Deus lhe diz, sofrerá a pior espécie de engano. Pense em todos os sermões que já ouviu, nas classes da Escola Sabatina a que assistiu e nas cassetes que ouviu ao longo dos anos. Se os cristãos praticassem um terço de tudo o que ouvem, o mundo e as nossas igrejas seriam lugares radicalmente diferentes. De facto, pôr a Palavra de Deus em prática é a parte difícil, mas como gostamos de discutir sobre ela! Podemos estudá-la e argumentar eloquentemente com o melhor apologista, mas como Andrew Murray disse:

“O conhecimento que ocupa, agrada e satisfaz à mente, sem conduzir diariamente à fé, às acções, ao carácter e à verdadeira vida interior segundo Deus, é o mais perigoso dos inimigos.”

O próprio Ezequiel teve de contender com uma congregação formada só de ouvintes. No capítulo 33, Deus mostra a Ezequiel este obstáculo ao reavivamento entre o Seu povo:

“Quanto a ti, ó filho do homem, os filhos do teu povo falam de ti junto às paredes e nas portas das casas; e fala um com o outro, cada um a seu irmão, dizendo: Vinde, peço-vos, e ouvi qual seja a palavra

que procede do Senhor. E eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti, como Meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, canção de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra” (versos 30-32).

Estas palavras poderiam aplicar-se a muitos cristãos hoje, não acha? As pessoas vão de igreja em igreja à procura do melhor show da cidade. “Quem vai pregar hoje na sua igreja? Oh, eu já a ouvi!” “Onde é que o grupo tal e tal se vai exhibir?” “Ouvi dizer que o pastor fulano está cá!”

Ezequiel tinha-se tornado o pregador mais veemente de Babilónia! A popularidade do profeta subiu em flecha após a queda de Jerusalém, pois as suas advertências tinham-se tornado realidade. Todavia, a sua audiência apenas o ouvia por mero entretenimento, como se estivesse a ouvir música. Este perigo existe ainda hoje. Jim Cymbala, pastor do famoso Tabernáculo de Brooklyn, disse: “A pregação, por si mesma, pode facilmente tornar-se numa forma subtil de entretenimento.”

Deus lembra-nos, através dessa passagem, que o verdadeiro propósito da profecia é transformar a vida das pessoas e não atrair a multidão. Douglas Cooper escreveu: “Muitos enganam-se a si próprios, pensando que só por assistir se tornam parte de algo interessante, excitante e produtivo, enquanto realmente não fazem ou conseguem nada.”

Não posso dizer o que você deveria fazer em relação ao ouvir a Palavra, mas gostaria que se empenhasse em descobrir pessoalmente a resposta de Deus. Está Deus a pedir-lhe para

Por mais importante que seja a Palavra de Deus, sem o Espírito para insuflar vida nela e em nós, continuamos espiritualmente mortos!



identificar onde se encontra em desacordo com a Sua Palavra, de modo que possa confessá-lo e mudar de rumo? Está Deus a pedir-lhe para iniciar um programa de memorização da Escritura? Está Deus a pedir-lhe para começar a orar, a fim de que Ele lhe mostre os passos que deve dar em áreas específicas da sua vida, como o casamento, a paternidade, o trabalho ou o testemunho cristão? Está Deus a pedir-lhe para mudar os seus hábitos mentais e começar um programa de leitura sistemática da Bíblia? Eu não sei, mas pergunte-lhe quais as mudanças que Ele quer que faça em relação à Sua Palavra.

Observe o que Deus diz nos versos 5 e 6: “Eis que farei entrar o espírito em vós... Porei nervos... Farei crescer carne... estenderei pele e porei em vós o espírito.”

Quem está a agir? Deus. E qual é a nossa parte? “E vivereis.”

Deus é sempre o arquitecto e o construtor da vida. No princípio, a Terra era sem forma e vazia, escura e sem vida, até Deus falar! Deus invadiu a escuridão e empreendeu a

acção criadora, substituindo o vazio por luz, ar, terra, relva, planetas, animais e homens. Ele criou tudo a partir do nada. E pode penetrar o tenebroso vazio dos seus maiores temores e lutas, e modificá-lo com o espírito de vida. Ele fará isso. Você só tem que ser obediente à Sua palavra e viver!

3. Fale com Deus (ore).

Ezequiel fez como lhe foi ordenado e, enquanto ele profetizava as estimulantes palavras de Deus, “houve um ruído, ... um reboiço, e os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles...” (versos 7 e 8).

É caso para perguntar: “Porque é que a visão não terminou justamente aqui?” Um milagre já tinha acontecido! Era tempo de comemorar. Os ossos tinham-se juntado uns aos outros, os órgãos internos e os músculos começaram a voar de todos os lados até ocuparem o seu lugar. Carne cobriu os ossos. Que impressionante demonstração de poder! Porque é que não há créditos a rolarem no ecrã,

juntamente com o Coro Aleluia cantado em pano de fundo? Porque, por mais importante que seja a Palavra de Deus, sem o Espírito para lhe insuflar vida a ela e a nós, continuamos espiritualmente mortos! Somos apenas cadáveres de boa aparência.

Isto é importante, porque podemos ter boa aparência, e ser saudáveis e prósperos exteriormente, e ser como sepulcros caiados cheios de ossos de homens mortos e imundície por dentro (Mat. 23:27). A verdade é que a situação tinha melhorado, mas pouco. Antes tínhamos ossos, agora temos cadáveres, mas ambos não têm vida.

Os mais execráveis criminosos são levados ao tribunal barbeados, penteados e vestidos. Eles ficam bem apresentáveis. Mas é só fachada. Por baixo dos caríssimos fatos Armani, batem corações assassinos. Um novo fato não muda o coração. Aqueles cadáveres necessitavam de vida.

É necessário aprender duas lições aqui. **Primeira**, o reavivamento leva tempo. Há um processo. Para começar, a Palavra de Deus é falada e ouvida. Em seguida, os ossos se juntam, tendões e carne aparecem, e finalmente a pele cobre-os. O crescimento espiritual requer tempo. “A terra por si mesma frutifica: primeiro a erva, depois, a espiga, e, por último, o grão cheio na espiga” (Mar. 4:28). Permita que Deus complete a obra que iniciou na sua pessoa e não procure atalhos para o reavivamento ao longo do caminho. Se tentar ter o Pentecostes sem o Calvário, apenas conseguirá uma aparência de reavivamento – o brilho, mas não a glória.

Segunda, não desista de orar. Não permita que Deus Se afaste enquanto Ele não o abençoa. Assim disse Deus a Ezequiel: “Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e diz ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam” (verso 9). O resultado? “Profetizei, como Ele me deu ordem, e o

espírito entrou neles e viveram e se puseram em pé, um exército grande em extremo” (verso 10).

Louvado seja Deus! Aquilo que era um amontoado de ossos desconjuntados e desorganizados agora está de pé – um vasto exército, pronto para travar as batalhas do Senhor. Na prática militar, quando um subordinado deseja dizer ao seu comandante aquilo que vai no seu coração, ele diz: “Permissão para falar abertamente, Senhor!” Meus amigos, quando se trata de pedir ao Espírito Santo para nos trazer vida, temos permissão para “falar abertamente”.

Na verdade, Deus está a dizer-nos: “Tu estás na Terra para levar avante a Minha causa. Eu estou no Céu, o Senhor de tudo, o Criador de tudo, o mais Santo de todos. Tudo o que necessitares para a Minha causa, pede-Me e Eu o farei. Molda o futuro através das tuas orações, e tudo o que precisares para o presente, pede-Me... Pede com vontade. Abre bem a tua boca e Eu a encherei.”

Não há limites para Deus. Todas as coisas são nossas mediante a oração, incluindo (e especialmente) o reavivamento. Abra bem a sua boca e peça-o! Não importa o quão impossível possa parecer, Deus está a preparar-Se para nos conceder vida! Se Ele pode dar vida a uma pilha de ossos secos e branqueados pelo Sol, também pode trazer de novo a glória ao altar do meu e do seu coração. Neste momento, Ele está a realizar o milagre da graça na sua vida. ■



ORAÇÃO

Senhor, ensina-me a crer que contigo todas as coisas são possíveis. Quantas vezes eu me senti tão sem vida como aqueles ossos que mostraste a Ezequiel!

Fala comigo, Senhor. Chama-me da morte espiritual para a vida espiritual.

Ajuda-me a não me conformar com o que está próximo, “seguro” e ao alcance da minha própria força. Aquilo que é possível não exige fé.

Mas ajuda-me a tentar o impossível, a ir além do meu alcance. Concede-me a capacidade de dizer palavras de vida aos outros. E que eu possa lembrar-me sempre de que o maior milagre de todos foi realizado há 2000 anos numa colina chamada Calvário. Obrigado pelo Teu dom impossível e inexprimível.



A Fronteira Ocidental

*SÁBADO
À TARDE*

Cento e vinte anos antes do salto de Armstrong ter concretizado o sonho da América de conquistar a Lua, a emoção da descoberta e a promessa de riquezas atraíram os homens para o Oeste. Vez após vez, esses homens ousados e corajosos arriscaram seguir o caminho do Oregon até ao mar. No início da década de 1840, o Oeste era a nova fronteira e o desejo de chegar lá agitou a nação.

“Para onde é que vocês foram? Oeste. Só isso. Mágico. Uma coisa do espírito.” Um século e meio depois, Henry David Thoreau falou dos acenos do Shangri-La nestes termos vívidos: “Os céus da América parecem infinitamente elevados, o céu é mais azul, o ar mais fresco, o frio mais intenso; a Lua parece maior, as estrelas mais brilhantes, o trovão mais ensurdecedor, o vento mais forte, a chuva mais pesada, as montanhas mais elevadas, os rios mais longos, as florestas maiores, as planícies mais amplas...” Thoreau então perguntou: “Não atingirá o homem maior perfeição intelectual e física sob essas influências?”

“Mágico.” “Uma coisa do espírito.” O homem que atinge “maior perfeição”. Esses foram os propulsores que levaram os exploradores do noroeste a procurar a sua pátria oculta.

A TERRA PROMETIDA

Outro tempo. Outro lugar. Cerca de três mil anos antes das expedições de Lewis e Clark, outro grupo de reconhecimento voltava de uma missão na “pátria oculta” de Canaã. Doze homens das tribos de Israel foram escolhidos para explorar aquela terra de “leite e mel” que Deus prometera aos descendentes de Abraão, uns 700 anos antes.

Os espias não podiam crer no que viam. Para homens que tinham conhecido apenas o flagelo do chicote e o barro das escavações egípcias manchado de sangue por causa da produção de tijolos, o primeiro vislumbre da Terra Prometida deve ter sido de tirar o fôlego. A Bíblia regista as suas primeiras descobertas.

“Depois, vieram até ao vale de Escol e dali cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas, o qual trouxeram dois homens numa vara, como também romãs e figos” (Núm. 13:23).

Imagine, uvas do tamanho de melões! Eram tão pesadas que, em vez de levar um cacho numa das mãos, foram necessários dois homens para o prender a um pau e transportá-lo. A terra era rica, fértil e exuberante. E



libertando-os da escravidão “com forte mão”.

“Então, Calebe fez calar o povo perante Moisés e disse: Eia! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela” (verso 30).

Dentro do peito de Calebe batia o coração de um pioneiro. Ele, como Fernão de Magalhães, Lewis, Clark e Armstrong, nas futuras gerações, queria possuir a “pátria oculta”. Ele era dirigido pela visão de uma vida melhor e pela fé num Deus que acreditava plenamente nele. Infelizmente, ninguém tinha “o carácter certo”.

“Porém os homens que com ele tinham subido disseram: Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós. E, diante dos filhos de Israel, infamaram a terra que haviam espiado, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. Também vimos ali gigantes (os filhos de Anaque são descendentes de gigantes) e éramos, aos nossos próprios olhos como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos. Levantou-se, pois, toda a congregação e gritou em voz alta; e o povo chorou aquela noite!” (versos 31-33; 14:1).

O registo do que aconteceu a seguir é uma triste crónica do que ocorre quando a fé desfalece. Quando o sedento viajante morre diante de um poço. Quando o maratonista cai a poucos metros da linha de chegada. Quando o apostador vende o bilhete premiado da lotaria a um amigo, horas antes de o número contemplado ser anunciado. *Tão perto...*

Os libertados filhos e filhas de Deus, recém-resgatados do açoitamento da escravidão egípcia, em vez de colocarem a sua confiança nas promessas do Deus que destruiu o exército de Faraó

nas águas do Mar Vermelho. As coisas não corriam bem no Egipto, mas pelo menos sabiam o que esperar. Canaã era um território virgem – algo completamente novo. A sua fé falhou e eles perderam a Terra Prometida.

“Disse o Senhor a Moisés: Até quando Me provocará este povo e até quando não crerá em Mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele?... Porém, tão certo como Eu vivo, e como toda a terra se encherá da glória do Senhor, nenhum dos homens que, tendo visto a Minha glória e os prodígios que fiz no Egipto e no deserto, é, Me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à Minha voz, nenhum deles verá a terra que, com juramento, prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que Me desprezaram a ver” (Núm. 14:11, 21-23).

Os escravos libertados há pouco voltaram das fronteiras da Terra Prometida e foram sentenciados a vagar no deserto durante quarenta anos – um ano para cada dia que os espias tinham despendido para explorar a “pátria oculta” *sem a possuírem*.

Atente para o facto de que eles exploraram, passearam, investigaram, observaram e reuniram dados sobre a Terra Prometida, mas falharam em possuí-la. Eles não fincaram a sua bandeira naquele solo. Não a conquistaram.

Os olhos daqueles que estavam com 20 anos ou mais nunca veriam a terra que manava leite e mel. Os seus pés nunca pisariam o seu solo. Os seus corpos nunca descansariam à sombra dos luxuriantes vinhedos de Canaã. Em vez disso, os seus olhos fustigados e os seus pés cheios de bolhas conheceriam apenas o calor, a monotonia e a aridez do deserto. Até as suas carcaças caírem no deserto, num testemunho silencioso das trágicas consequências da incredulidade e da falta de visão.

O REINO DO ESPÍRITO

Para si e para mim, a nossa “pátria oculta” refere-se a um tempo e a uma

estava à disposição para ser possuída. Deus já lha prometera. Mas, por mais estranho que possa parecer, algumas pessoas tiveram dificuldades em crer na promessa.

“Vieram a Moisés, e a Aarão, e a toda a congregação dos filhos de Israel no deserto de Parã, a Cades; deram-lhes conta, a eles e a toda a congregação, e mostraram-lhes o fruto da terra. Relataram a Moisés e disseram: Fomos à terra a que nos enviaste; e, verdadeiramente, mana leite e mel; este é o fruto dela” (Núm. 13:26 e 27).

Até aqui, tudo bem, se eles tivessem parado e tomado posse da promessa! Mas, algo estava errado. A linguagem corporal estava errada. Em lugar de destemida confiança, um arqueamento de ombros, e você pode ouvir um “porém”.

“O povo, *porém*, que habita nessa terra é poderoso, e as cidades, mui grandes e fortificadas” (verso 28).

Que barulho é esse? Parece o barulho de joelhos a baterem uns nos outros. Ah, mas nem todos os joelhos estavam a tremer. Calebe, um dos doze espias, tentou desviar os olhos da multidão e pô-los sobre Aquele de quem dependiam – sobre o Deus do Êxodo, o Deus que os havia tirado do Egipto através do Mar Vermelho,

experiência. A experiência é um reavivamento espiritual pessoal e corporativo. Um retorno ao nosso primeiro amor com Jesus, o reavivar da fome e da sede pelas coisas de Deus, pela comunhão com Ele através da Sua Palavra, do culto e da oração. Um redespertar do senso de urgência com relação ao breve retorno do nosso Senhor, e da prontidão dos nossos amados para o encontro com Ele. Uma renovação da confiança infantil no poder, providência e promessas de Deus, resultando no retorno do Espírito Santo à igreja em toda a Sua glória operadora de milagres, transformadora de vidas e enaltecedora de Cristo. A experiência é o Pentecostes II. O tempo é o derramamento da chuva serôdia, e esse tempo pode ser *agora*.

Por favor, não me interprete mal. Deixe-me abrir-lhe o meu coração. (Se estivéssemos sentados ao redor da mesa da cozinha da sua casa, eu baixaria o meu tom de voz para obter a sua atenção total.) Não permita que

o termo “Pentecostes” o faça suar. Há muito tempo que temos medo do Espírito Santo e ficamos facilmente assustados com as imagens de pessoas a rolares no chão, sacudindo-se de modo incontrolável e balbuciando palavras ininteligíveis. Há tanto tempo que associamos a *experiência* do Espírito Santo com *excessos* de emocionalismo, que fugimos na direção oposta e nos contentamos com um *conhecimento teórico* do Espírito Santo.

O erudito bíblico Gordon Fee declara: “O elemento da espiritualidade que falta na igreja contemporânea é a percepção de que o Céu (não como um lugar, mas como um tempo prometido) veio à Terra na pessoa do Espírito. Por causa dessa ‘invasão do Espírito’, a igreja deveria estar a experimentar a vida celestial aqui e agora. A igreja dos nossos dias, entretanto, assimila valores culturais que têm embaçado a nossa compreensão do que Paulo disse sobre o Espírito Santo.”

“Compreensão embaçada” é uma acusação suave para alguns de nós.

Todos temos impedido o Espírito e tapado os poços de salvação que abundantemente supriam a água da vida para as nossas almas sedentas. Há poucos anos atrás, uma senhora escreveu uma carta ao editor da *Adventist Review*, lamentando essa falta de visão entre nós: “Temo que nos tenhamos perdido em algum lugar no nosso caminho do Egito para Canaã, e que apenas tenhamos andado em círculos no deserto.”

Como os filhos de Israel antes de nós, temos explorado, colhido amostras, caminhado, investigado, observado e reunido dados sobre

o reavivamento. *Mas falhamos em apropriar-nos da promessa!* Consequentemente, ficamos como viajantes inquietos num deserto de frio formalismo e monótona ortodoxia. As nossas carcaças inchadas não estão hoje espalhadas no deserto da Arábia. Em vez disso, elas decompõem-se nos bancos das igrejas. Encontram-se tão desprovidas do poder de Deus como uma tumba carece de vida.

Posso ser franco e falar abertamente? Gostaria de fazer algumas perguntas incisivas, e apreciaria se você tomasse tempo para pensar realmente nas respostas. O que é a vida para si em Los Angeles, Vancouver, Washington, Nova Iorque, São Paulo, Rio de Janeiro ou onde quer que habite? O que é estar a viver hoje? Como estão os seus relacionamentos? O seu casamento? Como estão as coisas entre si e os seus filhos? Como está a sua saúde? Como está o clima no seu lar? Quando foi a última vez que leu a Bíblia com prazer? Quando foi a última vez que sentiu o seu coração arder ao ouvir a pregação da Palavra de Deus? Como está o seu relacionamento com Deus?

A sua carreira. Ela é tudo o que você esperava que fosse? As suas propriedades, o seu lar, os carros, as roupas, o computador ou o equipamento de som, etc., estão a prover uma sensação de prazer e satisfação espiritual? O seu ritmo de vida é racional, equilibrado e sadio, ou tornou-se um carrasco, um parasita que drena as forças vitais do seu corpo, deixando-o vazio?

O que é que vai sentir esta noite? Em que é que se transformou a sua fé? É ela vibrante, crescente? Está a ter um relacionamento mais profundo com Deus? Está a ser menos superficial? Ou parou de avançar? Perdeu o seu primeiro amor? O hábito substituiu a paixão? O dever substituiu o deleite? A rotina substituiu o romance?

Enquanto eu estava a escrever estas palavras no meu computador,



Você e eu somos os ‘Fernãos de Magalhães’ do século 21, não com destino às praias distantes de um novo continente, mas para além do véu do Santo dos Santos!



o telefone tocou. A voz era de uma amiga minha de Los Angeles. Ela parecia tensa e, quando perguntei como iam as coisas, ela replicou: “Uma desgraça.” Quando insisti em saber o que se passava, ela disse que nada na sua vida corria bem. “Eu afastei-me de Deus e posso sentir os resultados do que fiz. Odeio aqueles com quem trabalho. Tenho hábitos de saúde destrutivos e choro muito. Quero aproximar-me de Deus novamente.”

Não sei onde esta reflexão o vai encontrar hoje, mas Deus deseja conduzi-lo a um lugar melhor. Ele deseja tomá-lo nos Seus braços e restaurar a sua alma. Quer que você saiba que Ele é real e que pode dar-lhe renovado propósito e alegria sem limites. Quer estar com Ele?

Se quer saber, há algumas coisas sobre as quais estou cansado de ler. Não me importo de escutar algumas de segunda mão. Durante os Jogos Olímpicos de Atlanta, gostei de ver os americanos ganharem medalhas de ouro. Li com prazer sobre o que aconteceu nos dias anteriores. Durante duas semanas, vivi de forma

indirecta através do “Dream Team” (a equipa dos sonhos), os “Sete Magníficos” e todos os outros notáveis jovens que tinham dedicado a sua vida ao objectivo de serem os melhores do mundo.

Sei que nunca serei um atleta olímpico. Na arena desportiva mundial, fico contente em ver os outros destacarem-se além dos limites da minha sala de estar. Mas a manifesta glória de Deus é algo totalmente diferente. Eu quero participar dessa acção. Não me contento em apenas ler sobre os milagres acontecidos na vida de outras pessoas. Não estou satisfeito em ouvir relatos do que o Espírito Santo está a fazer na Europa Ocidental, na Rússia ou na Tanzânia. Quero ver Deus a operar na minha vida, no meu casamento, no meu trabalho, na vida dos meus filhos e no meu país. Esse é um assunto no qual não me satisfaço em simplesmente observar do lado de fora.

Você e eu precisamos de ir avante e possuir a “pátria oculta” do reavivamento. E possuiremos a terra mediante oração, perseverança e promessa. Ouçamos o que Deus diz sobre o que

você e eu podemos ter:

Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que O amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito (1 Cor. 2:9 e 10).

Maravilhoso, não acha? Deve ser nossa, essa experiência única na história terrena. Os nossos olhos devem ver o que nenhum ser humano jamais viu. Os nossos ouvidos devem ouvir o que nenhum ouvido humano jamais ouviu. Devemos experimentar o que jamais foi imaginado pela mente dos mais brilhantes cientistas, escritores ou políticos. Você e eu somos os ‘Fernãos de Magalhães’ do século 21, não com destino às praias distantes de um novo continente, mas para além do véu do Santo dos Santos!

A chuva serôdia tem sido olhada como um grande evento futuro.

Quando a aplicamos à igreja em geral, isso pode ser verdade. Mas eu creio ser nosso privilégio pedir a plenitude do Espírito Santo *agora*. Podemos ter Jesus, a doce evidência dos pecados perdoados e a certeza

da salvação, poder para testemunhar e intimidade com o Todo-Poderoso *agora mesmo*.

O derramamento final da chuva serôdia pode ainda estar no futuro. Podemos e devemos pedi-lo a Deus. Mas uma chuva copiosa é precedida por chuvas esparsas, e essas primeiras gotas podem cair sobre si e sobre mim. Temos orado por chuva, e agora é tempo de comprarmos guarda-chuvas.

Há uma terra ainda não descoberta na sua plenitude, não porque esteja escondida, mas porque alguns pararam de procurá-la. Muitos a encontraram; muitos mais, porém, precisam de começar a jornada para a descoberta do reino do Espírito. Como ocorreu com os exploradores e pioneiros do passado, a nossa jornada exigirá coragem, visão,

determinação e destemor. Mas as recompensas serão maravilhosas.

A frase está gasta, mas a verdade é a mesma: uma jornada de milhares de quilômetros começa com um simples passo. O primeiro passo é verbalizar o desejo do nosso coração, dizendo: “Senhor, faz voltar a Tua glória à minha vida devocional, ao meu testemunho, aos meus relacionamentos e à minha caminhada contigo!”

E agora? Está pronto para a resposta divina? Quer saber o que acontece quando o povo de Deus ora por reavivamento? Quer ser abençoado? Nas palavras de Calebe, “subamos e possuamos a terra [da promessa], porque, certamente, prevaleceremos contra ela”. ■



Sugestões para reflexão



1. Analise com o grupo a visão que a igreja tem do derramamento do Espírito Santo. Faça perguntas ou divida o grupo em pequenos grupos e dê tempo para que apresentem as suas conclusões.

2. Que pensam da afirmação “Temos orado por chuva, agora é tempo de comprarmos guarda-chuvas”? Será realmente este o tempo? Será possível ter agora o derramamento do Espírito Santo?

3. Analise cuidadosamente com a igreja (ou nos grupos) as perguntas que o autor faz. Procure levar os membros a uma reflexão profunda sobre as bases em que assenta a sua visão do reavivamento.

4. Haverá, na nossa vida pessoal e como igreja, factores que estão a impedir a acção do Espírito Santo?

5. Como poderão eliminar-se esses obstáculos?

6. Dê tempo para orar acerca das conclusões a que chegaram.

7. Termine com um apelo à oração particular pelo derramamento do Espírito Santo e pela aceitação do desafio de sermos instrumentos nas mãos de Deus.

A Glória do Abatimento



Gemidos que não podem ser proferidos
são frequentemente orações que não
podem ser recusadas.
C. H. Spurgeon

DOMINGO

Queremos saber porque é que Deus não Se move; Ele deseja saber porque é que não paramos.
Leonard Ravenhill

Ainda assim, agora mesmo, diz o Senhor:
Convertei-vos a Mim de todo o vosso coração; e isso
com jejuns, com choro e com pranto. Joel 2:12.

A minha mulher é uma dentre 10 milhões de norte-americanos que sofrem de uma dolorosa perturbação conhecida como síndrome dos olhos secos. As pessoas que têm os olhos secos não produzem lágrimas suficientes. E se a quantidade de lágrimas não for o problema, um declínio na sua qualidade também pode gerar a doença. De qualquer modo, olhos secos doem, como a Suzette pode confirmar. Quando as suas alergias irrompem, ela frequentemente reclama que os seus olhos parecem ter sido friccionados com lixa. Sem lavagem dos olhos e lágrimas artificiais, a irritação pode produzir cicatrizes e ulcerações na córnea e, finalmente, a perda da visão.

Alguns sinais de advertência da síndrome dos olhos secos são:

- Incapacidade de chorar sob stresse emocional.
- Reduzida tolerância às lentes de contacto.
- Sensibilidade à luz, causando forte dor ocular ou redução da visão.

Fisicamente, a síndrome dos olhos secos é muito dolorosa, mas a síndrome dos olhos espirituais secos é ainda pior. Quando os nossos olhos não se humedecem à vista de bancos de igreja desocupados e corações vazios daqueles que deveriam ser “cheios do Espírito Santo”, sofremos da síndrome dos olhos secos. Quando a gélida frieza da formalidade invade a nossa vida de oração, e a falta crónica de paixão no nosso andar com Deus não faz com que choremos em desespero, temos a síndrome dos olhos secos. Quando cantamos “Oh! Que esperança!” com os olhos secos, enquanto

baptistérios vazios nos contemplam, como um lembrete grave de quão pouco impacto essa “esperança” está a exercer naqueles que vivem à sombra das nossas igrejas, então contraímos a síndrome dos olhos secos.

E enquanto balançamos a cabeça em perplexidade, querendo saber “porque é que Deus não Se move, Ele quer saber porque é que não nos detemos! Desejamos que Ele Se incline; Ele deseja que nós nos prostremos”.

Meus amigos, o reavivamento ainda não se deu para nós porque estamos a lutar para que todos sejamos dignos de parecer espiritualmente saudáveis e íntegros, enquanto o Senhor nos quer frácoes e quebrantados na Sua presença. É aí que o reavivamento tem início – no altar do abatimento.

A CHAVE PARA O REAVIVAMENTO

Lembro-me da manhã em que me abati perante Deus. Eu estava cansado. O tipo de cansaço que atinge até os ossos. Tinha estado acordado até tarde durante muitas noites, e iniciado vários dias sem qualquer ligação significativa com o Senhor. Lá estava eu a fazer reuniões, a falar aos outros sobre a importância da oração e a passar por cima de mim mesmo. Pressões académicas, pressões no trabalho e responsabilidades na igreja e na família, mais o importuno temor de que, apesar de ter pregado a outros, eu terminaria como um “náufrago”, puseram-me de joelhos naquela manhã. A minha mulher estava ao meu lado naquele dia. Estávamos ambos a sentir os efeitos da prolongada temporada de aridez espiritual. Nada do que fazíamos proporcionava sensação de alegria ou refrigério. Tudo estava seco, insípido e sem inspiração.

Quando comecei a orar naquele dia, não tinha a intenção de chorar. As lágrimas não estavam na

minha agenda. Mas quanto mais falava com Deus, mais eu sentia necessidade d’Ele. Logo comecei a expressar honestamente o meu cansaço, a minha falta de controlo. Vi o quão vazio e superficial eu estava, e essa visão debilitava-me. Então algo aconteceu dentro de mim. Das profundezas do meu espírito árido e vazio, surgiu o clamor: “Ó Deus, eu preciso tanto de Ti!” Inesperadamente, comecei a gemer e lágrimas de anseio correram dos meus olhos.

A Suzette, que tinha estado a orar ao meu lado, envolveu-me nos seus braços e o clamor do meu coração abriu as comportas do seu coração também. Amparámo-nos um ao outro e permitimos que o Santo Espírito ajudasse no nosso abatimento, através das purificadoras lágrimas da convicção, confissão e arrependimento. Chegámos ao fim de nós mesmos e era isso, exactamente, o que Deus esperava.

Não estou a partilhar esta situação pessoal para o fazer pensar que somos seres super-espirituais ou algo semelhante. Justamente o oposto! Continuávamos vazios. Estávamos fora de sintonia com Deus e finalmente expelimos a esterilidade das nossas almas. Precisávamos de ser quebrantados naquela manhã e, creia-me, continuamos a necessitar ainda hoje!

Abatimento. Que conceito retrógrado para o cristão moderno! Que palavra fora de moda para a maioria de nós. Mas lembre-se disto: não pode haver Pentecostes sem Calvário! Não há reavivamento sem **quebrantamento**.

Joel 2:28 e 29 é um texto favorito para meditar e citar ao prepararmos um quadro inspirador do que Deus fará quando derramar o Seu Espírito. Quem não se sente animado quando lê palavras proféticas como as que se seguem? “E há-de ser que, depois, derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os

vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões. E, também, sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o Meu Espírito.”

O Senhor a agir com poder entre o Seu povo. Um retorno da glória da Sua presença e maravilhas. O nosso coração anseia por elas. E nós podemos ter tudo isso. Afinal, essa é uma promessa. Mas não podemos ignorar os meios que Deus requer que utilizemos para garantir a bênção. Que meios são esses?

Quebrantamento.

Lembre-se que essa promessa de reavivamento principia com as palavras: “E acontecerá depois...” Depois do quê? Algo, obviamente, vem primeiro, antes do Senhor derramar o Seu Espírito sobre todo o povo. Leia os versos 12-17 para obter a resposta:

“Ainda assim, agora mesmo, diz o Senhor: Converti-vos a Mim, de todo o vosso coração; e isso com jejuns, e com choro, e com pranto. E rasgai o vosso coração, e não os vossos vestidos, e converti-vos ao Senhor, vosso Deus; porque Ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-Se, e grande em beneficência, e Se arrepende do mal... Tocai a buzina em Sião, santificai um jejum, proclamai um dia de proibição. Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, congregai os filhinhos, e os que mamam: saia o noivo da sua recâmara e a noiva do seu tálamo. Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o alpendre e o altar, e digam: Poupa a Teu povo, ó Senhor, e não entregues a Tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárnio dele: por que diriam entre os povos: Onde está o seu Deus?”

É isso! O primeiro passo para o reavivamento. Um chamado para voltar a Deus com todo o nosso coração. Um chamado à negação própria. Um chamado às lágrimas. Um chamado ao arrependimento. Ficou desapontado? O pensamento

da negação própria e do pesar de alma é-lhe desagradável? Vou ser honesto: para mim, é. A cruz é sempre desagradável. Ela é “escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (I Cor. 1:23). Ela é um lugar onde o meu orgulho morre, e ele não se vai sem luta! James Burns escreveu: “O motivo por que o reavivamento é sempre impopular para a grande maioria dos membros da igreja é que ele nada lhes diz sobre o poder que aprenderam a amar, ou sobre facilidades; ele os acusa de pecado; diz-lhes que estão mortos e chama-os para despertar, para renunciar ao mundo e seguir a Cristo.”

Se tentarmos evitar o “coração quebrantado”, não poderemos receber o derramamento do Espírito de Deus prometido para “depois”. Um é o meio, o outro é o fim. Passe por alto o método, e perderá os resultados.

A ASSEMBLEIA SAGRADA

Gostaria de saber com que é que isso se pareceria nos nossos dias. Joel apresenta um quadro de extrema solenidade. Todos estão presentes. Não falta ninguém – nem a criança que mama, nem os casais recém-casados, nem os cidadãos idosos, nem os sacerdotes. As férias foram canceladas. Os piqueniques de sábado foram adiados. Todos estão reunidos diante do Senhor para entregar o seu coração e procurar o retorno da Sua glória entre eles. A que se assemelharia hoje este tipo de “assembleia sagrada”? Iríamos à igreja, como normalmente fazemos, e procuraríamos o boletim? Encontraríamos no programa da igreja o “Culto de Lamentações e Prantos” anotado abaixo de “Dízimos e Ofertas” ou “Jardim de Oração”? Iríamos com os nossos trajes usuais de Sábado, ou receberíamos coletes de pano de saco dos recepcionistas de cara zangada ao entrarmos no santuário? (Em muitas igrejas, recepcionistas

carrancudos não seriam nenhuma novidade.) Haveria um sermão ou período de oração ou silêncio enquanto os indivíduos lutassem com Deus particularmente acerca da sua síndrome dos olhos secos? O que pensariam os visitantes? Os nossos jovens seriam totalmente dispensados? Teríamos os nossos corações “rasgados” antes do meio-dia? (Isso é tudo o que muitos podem dar ao Senhor. Depois das 12h, é o “nosso” tempo novamente.)

Não estou seguro da resposta, mas penso ser válido utilizar o nosso tempo para pensar e falar sobre este assunto. Como eu disse na introdução, o mundo está a aproximar-se da sua meia-noite espiritual, mas a igreja de Cristo comporta-se como se fossem apenas 9h30! Simplesmente não podemos continuar como de costume nas nossas igrejas. O conforto não pode continuar a ser a nossa prioridade máxima. O nosso vestuário, os nossos títulos, a nossa sofisticação, a nossa ordem de culto, o nosso edifício, os nossos bancos de igreja, as nossas carpetes, a nossa riqueza, as nossas posições – nada disso impressiona Deus! O que Lhe causa impressão? “Sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus” (Sal. 51:17).

A assembleia sagrada deve ser assim chamada se estivermos a falar a sério sobre reavivamento. (Se quiser participar de uma “assembleia sagrada” on-line com os irmãos e irmãs ao redor do mundo, orando por arrependimento e reavivamento, visite o website do autor: www.tagnet.org/ifmypeoplepray). Nos nossos cultos, temos de dar tempo a Deus para penetrar nos nossos corações endurecidos. Pregadores, talvez vocês devessem encurtar a mensagem, a fim de que o nosso povo pudesse orar mais. Ou talvez pudessemos dar menos tempo aos anúncios e conceder mais espaço à intercessão. Reúnam um grupo

de pessoas da vossa igreja e falem com Deus sobre isso. Peçam-Lhe para vos mostrar como convocar uma assembleia sagrada na vossa igreja. Ao mesmo tempo, comecem o processo individualmente, pedindo ao Senhor uma atitude de contrição. E ela começa com a admissão de necessidade.

ADMITA O QUANTO PRECISAMOS DE CURA

Ellen White, na página 102 do livro *Aos Pés de Cristo*, (cap. “O Privilégio da Oração”), escreve: “Há certas condições sob as quais podemos esperar que Deus ouça e atenda as nossas orações. Uma delas é sentirmos a nossa necessidade do Seu auxílio.” O próprio Deus afirmou esse princípio de humildade quando prometeu através do profeta Isaías: “Porque derramarei água sobre o sedento e torrentes sobre a terra seca” (Isa. 44:3).

Lembre-se disto: Deus é atraído pela fraqueza. Ele não pode resistir a orações humildes do Seu povo que a Ele clama por ajuda. É o sedento que recebe água; é a “terra seca” que recebe “torrentes”.

Pensemos em Ana. Ana era a própria imagem da contrição. Ela sabia que era estéril. Sentia vergonha da sua condição e implorava que Deus lhe removesse essa vergonha. Laodiceia, a igreja morna da nossa era, também é estéril, mas não sabe disso! Ana sentiu a infâmia de ser incapaz de dar à luz um filho. Laodiceia é incapaz de reproduzir o carácter de Cristo, mas não sente vergonha. Não admite a sua necessidade.

Todos já vimos bebés sem roupas e não achamos nada de mal nisso. Pelo contrário. Na sua inocência, a nudez de um bebé é graciosa.

A nudez espiritual da igreja de Cristo é de causar lágrimas.

Lembra-se da história infantil “O Fato Novo do Imperador”? O imperador foi enganado pensando que estava vestido com trajes

excelentes, que só os sábios podiam ver. Ele estava nu, mas, como nenhum dos seus súbditos queria passar por tolo, fingiam ver o que não existia. Finalmente, um rapazinho disse a verdade e o imperador, embora terrivelmente envergonhado, vestiu algumas roupas e cobriu a sua nudez. Quem contará a verdade à igreja hoje?

Na década de 1960, um líder cristão da Índia, chamado Bakht Singh, viu a urgente necessidade dos seus irmãos americanos e contou a verdade ao “imperador”, numa revista chamada *Conquest for Christ*:

“As igrejas nativas da Índia têm grande preocupação pela América agora e estão a orar para que Deus visite esse país com um reavivamento. Vocês sentem-se tristes porque nós, na Índia, somos pobres em coisas materiais. Nós, aqui na Índia, sabemos que o Senhor está triste convosco por causa da vossa pobreza espiritual. Oramos para que Deus vos dê o ouro provado no fogo, o qual Ele prometeu àqueles que conhecem o poder da Sua ressurreição... Nas nossas igrejas, passamos quatro, cinco ou seis horas em oração e culto, e frequentemente o nosso povo passa a noite toda em oração ao Senhor, mas na América, passada uma hora de estarem na igreja, vocês começam a olhar para o relógio. Oramos para que Deus possa abrir os vossos olhos para o verdadeiro significado do culto... A fim de atrair as pessoas para as reuniões, vocês dependem muito de cartazes, anúncios, promoções e do ser humano. Na Índia, não temos nada mais do que o próprio Senhor, e descobrimos que Ele é suficiente. Antes de uma reunião cristã no meu país, nunca anunciamos quem será o pregador. Quando as pessoas vêm, fazemo-lo para se encontrar com o Senhor e não com um ser humano, ou para ouvir alguém favorito que lhes fale. Temos cerca de 12 000

pessoas reunidas para adorar o Senhor e desfrutar companheirismo. Estamos a orar para que as pessoas na América também possam ir à igreja com fome de Deus e não meramente desejosas de usufruir alguma forma de entretenimento, ou ouvir coros ou a voz de algum homem.”

Apesar dos estudos das profecias que apontam para o próximo fim da luta entre Cristo e Satanás; apesar das doutrinas certas e do desenvolvimento mundial da nossa Igreja; apesar da nossa crença de que Jesus está à porta, continuamos a viver num ambiente de dissensões e “guerras” internas, em que o orgulho e as paixões humanas obscurecem a nossa fé. Como podemos entender os sinais dos tempos e ficarmos

do arrependimento se encontra o Seu povo. Admiramo-nos de os discípulos de Jesus, após três anos e meio de convivência com Ele, ainda não compreenderem a Sua missão e lutarem entre si pela supremacia. Depois de tudo o que tinham passado, visto e feito, eram ainda como criancinhas egoístas.

Mas esses homens tiveram apenas três anos e meio para conhecer o Salvador. A igreja de Cristo teve 2000 anos! Qual é a nossa desculpa? Depois de dois milénios de existência da Igreja, de leitura da Bíblia, de entoar hinos, de testemunhos, de preparo de livros e de treino pastoral, não deveríamos estar um pouco mais adiantados no crescimento em Cristo? Talvez devêssemos estar



**A nudez de um
bebé é graciosa. A
nudez espiritual da
igreja de Cristo é de
causar lágrimas.**

animados sobre o retorno do Senhor, e não discernirmos que não estamos prontos para isso?

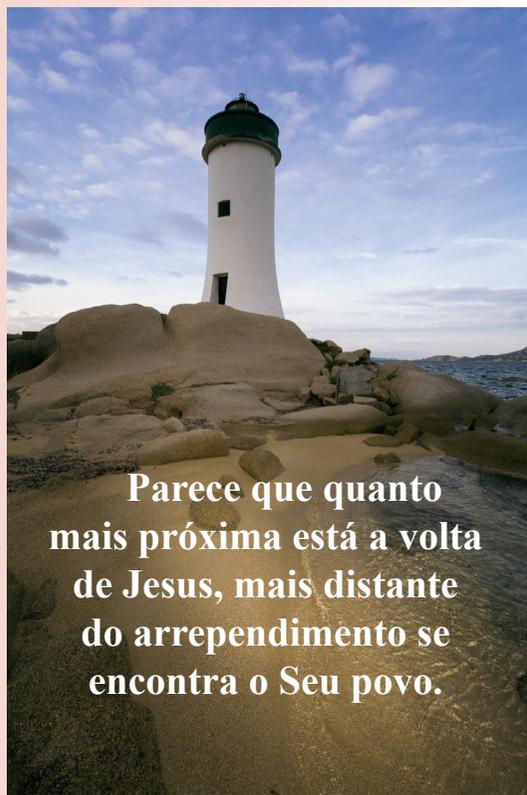
O imperador não estava vestido e nós precisamos de saber a verdade!

Com igrejas divididas sobre questões de poder, pastores ligados ao mundo, preconceitos que levam os membros a tratarem-se com frieza uns aos outros, intermináveis disputas por posições e controlo, parece que quanto mais próxima está a volta de Jesus, mais distante

a digerir o “alimento sólido” da Palavra agora, mas ainda estamos a ser amamentados ao seio como se fôssemos bebezinhos em Cristo. (Ver I Coríntios 3:1.) Porquê? Porque, em lugar de contrição, muitos têm estado a fingir. Porque cantamos mais hinos e debatemos mais do que amamos as pessoas e vamos à procura delas.

Ravenhill escreveu: “Agora é o tempo de nos envergonharmos por não termos tido vergonha, o

tempo de chorar pela nossa falta de lágrimas, o tempo de nos curvamos porque perdemos o humilde toque dos servos, o tempo de gemer porque não temos nenhum fardo, o tempo de estarmos irados contra nós mesmos porque não nos irritamos contra o monopólio do diabo nesta hora do final dos tempos, o tempo de nos castigarmos a nós mesmos porque o mundo pode tão facilmente entender-se conosco e não tentar castigar-nos.” Oh, que Deus abra os nossos olhos para vermos a nossa esterilidade espiritual e nos faça chorar como Ana, para que a vergonha da nossa nudez seja removida! Temos uma necessidade urgente.



Parece que quanto mais próxima está a volta de Jesus, mais distante do arrependimento se encontra o Seu povo.

SEJA UM SERVO

Jesus disse: “Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mar. 10:43-

45). Está o servir na nossa agenda? Você tem de estar sempre certo? Precisa de ser sempre o primeiro? Sempre aplaudido? Tem de ser sempre a autoridade em tudo? Para desenvolver a atitude de contrição, de quebrantamento, precisamos de ter o coração humilde e servidor de Cristo.

Escreveu Keith Green: “Está disposto a ser nada? Está disposto a ir onde Cristo mandar e fazer qualquer coisa por Ele? Está disposto a ficar justamente onde está e deixar o Senhor fazer grandes coisas através de si, embora pareça que ninguém se importa ou nota?”

Servir em primeiro lugar, ser correcto em segundo. Coloque as necessidades e preocupações do seu semelhante acima das suas necessidades de carinho e atenção. Esteja disposto a admitir as suas faltas e a confessar o quanto o eu reina no trono do seu coração.

ESTEJA DISPOSTO A “MORRER” PARA QUE OS OUTROS POSSAM VIVER

Moisés disse ao Senhor: “Ora, o povo cometeu grande pecado, fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-Te, do livro que escreveste” (Êxo. 32: 31 e 32). O apóstolo Paulo disse: “Tenho grande tristeza e incessante dor no coração; porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor dos meus irmãos” (Rom. 9:2 e 3). E naturalmente

o nosso Senhor, “subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz” (Fil. 2:6-8).

Eles estavam dispostos a morrer para que outros pudessem viver. Nós também estamos? Eu também estou? Antes de levantar a mão para se unir às fileiras dos mártires, considere o quão difícil é para muitos de nós ceder o nosso assento na igreja a um visitante.

Lembro-me de ter ido a uma igreja onde deveria falar no culto de Sábado. Era um Sábado especial e a igreja estava cheia. Havia muito poucos lugares vazios. Depois do culto, a minha anfitriã explicou-me que tinha tido um desentendimento com um membro, pouco antes do início do culto, sobre alguns lugares que ela reservara. Tentou em vão explicar a esse membro que os lugares eram para pessoas não-cristãs que convidara, as quais nunca tinham estado numa igreja. Em vez de ceder de boa vontade os lugares para as visitas, que poderiam ouvir o evangelho pela primeira vez, o membro da igreja ficou aborrecido e saiu irritado do templo.

Pessoas com atitude humilde estão dispostas a “depor a sua vida” pelos outros. Abrir mão dos seus “direitos” e posições para ajudar a erguer alguém. Ceder o seu lugar no banco da igreja. Desistir da ira e do ressentimento. Se um cargo de igreja está entre você e o seu irmão ou irmã, abra mão dele! Parafraseando o apóstolo Paulo: “Não faça parecer [por causa do seu título, lugar no banco ou cargo na igreja] aquele a favor de quem Cristo morreu” (Rom. 14:15).

Como seria isso na vida real? Cuidei de uma igreja que sofreu uma devastadora divisão. Após muitos meses, os membros do grupo “dissidente” mudaram de atitude e quiseram voltar à igreja-mãe. Isso deveria ser motivo de regozijo, não acha? Para muitos da igreja, sim! Mas havia aqueles que não estavam prontos para as festas de boas-vindas. Havia a preocupação de que os que estavam de regresso quisessem recuperar os seus antigos cargos!

A TEOLOGIA DA BACIA

E se fosse diferente? O que aconteceria se o coração dos “irmãos mais velhos” sofresse mais pesar pelo bem-estar espiritual dos seus irmãos separados do que pela perda potencial dos cargos? O que sucederia se eles saudassem os seus irmãos que voltavam com uma bacia e uma toalha, e se oferecessem humildemente para lavar os seus pés? Que bom seria se olhassem os seus irmãos “pródigos” nos olhos e dissessem: “O vosso regresso à nossa família significa mais do que tudo; e se retomar os antigos cargos vos faz sentirem-se felizes e aceites, não nos importamos de nos demitirmos para que vocês possam servir novamente.” Isso, meus amigos, é a “teologia da bacia” e ela só pode proceder de um coração que foi despedaçado ao pé da cruz.

FALANDO A VERDADE

Contrição e integridade andam de mãos dadas. Para mim, é difícil

olhar-me ao espelho e dizer: “Tu és o homem!” e não “Tu és o herói”. É difícil admitir a culpa e o fracasso expressos nas palavras “tu és o homem”, que o profeta Natã disse ao rei David após este ter pecado (II Sam. 12:1-13). Como diz o velho espiritual negro: “Sou eu, sou eu, sou eu, Senhor, quem precisa de oração.”

Temos todos de ser honestos com Deus a respeito de nós mesmos.

Isso pode ser difícil, mas é necessário, se desejamos ver a promessa de Joel 2:28 e 29 cumprida na nossa vida e nas nossas igrejas. Deus mostrou o caminho para o reavivamento. Os seus meios não são misteriosos ou ocultos. Algumas vezes, porém, queremos coisas diferentes. Queremos o Pentecostes sem o Calvário. Queremos a glória sem a humildade. Queremos o reavivamento de acordo com as nossas condições, dentro dos limites dos nossos planos. Um golpe sem derramamento de sangue.

Um evangelho isento de cruz. Isso é como diz o poema de Wilbur Rees:

“Gostaria de comprar três dólares do favor divino. Não o bastante para fazer explodir a minha alma ou perturbar o meu sono, mas o suficiente para igualar uma chávena de leite morno, ou uma soneca ao sol. Não quero o bastante de Deus para me fazer amar um inimigo ou colher beterrabas com um imigrante. Eu quero êxtase e não transformação. Quero o calor do útero materno, não um novo nascimento. Quero um quilo do que é eterno num saco de papel. Eu gostaria de três dólares do favor divino.”

Podemos ser honestos com Deus hoje? Você quer, realmente, o reavivamento? No seu livro *Brokenness, the Forgotten Factor of Prayer*, Mickey Bonner escreve: “A mudança só terá lugar de uma maneira. Não será através de um altissonante cântico, de concertos ou música. Não virá graças a uma



*Não, não! Eu quero um coração
contrito e abrandado pelas coisas que
atingem o coração divino. E você?*

pregação dinâmica. Ela só acontecerá quando os homens se sentirem tão contritos diante de Deus que a sua única esperança esteja em Jesus Cristo e na Sua intervenção. Deus só Se move pelas lágrimas da contrição. Histórica e bíblicamente, vemos que a visão humana da vontade divina é somente através das lágrimas. Os Seus caminhos não são os nossos caminhos.”

Não desanime! O caminho descendente é o caminho para cima!

“Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão” (Sal. 126:5). Imediatamente após a “assembleia

sagrada” de arrependimento em Joel 2:15-17, temos as promessas de restauração nos versos 18-32. Isso é o que pode acontecer quando o povo de Deus ora por reavivamento. Quem irá provar se o Senhor é fiel à Sua Palavra? Eu quero fazê-lo. Confesso que não estou contrito o suficiente diante do Senhor, e lágrimas apenas não têm valor se não resultarem em obediência. Lágrimas assim são o que E. M. Bounds chamou “lama de superfície”. Não, não! Eu quero um coração contrito e abrandado pelas coisas que atingem o coração divino. E você? ■



Sugestões para reflexão

1. Reflectam em grupo sobre a ideia da síndrome dos olhos secos. Será essa uma realidade na vossa igreja?
2. O que é para si e para os membros da sua igreja o quebrantamento de coração de que fala o autor?
3. Como deverá agir a igreja, leia-se cada membro, para que se dê o reavivamento? Até que ponto lágrimas, arrependimento e negação própria são parte da vida de fé de cada membro? Divida o grupo maior em pequenos grupos e dê tempo para que reflectam nesse tema e apresentem as suas conclusões.
4. O texto de Bakht Singh, dirigido às igrejas da América, aplicar-se-á à sua igreja? Analise com o grupo (em grupos pequenos, talvez) a validade desse texto hoje, na sua igreja.
5. Se houver mudanças a fazer, quais devem ser?
6. Será necessário desenvolver entre os seus membros o espírito de serviço e de abnegação? Que parte tem o amor ao próximo a desempenhar nessa mudança de atitude?
7. Desenvolva com o grupo a ideia da “teologia da bacia”.
8. Poderá haver Pentecostes sem Calvário? Reavivamento sem humildade e honestidade diante de Deus?
9. Dê tempo para oração especial sobre estes assuntos e peça aos membros que orem em particular, na sua casa, pela acção do Espírito na sua vida.
10. Antes de se separarem, entregue aos membros/famílias o texto especial, enviado aos pastores, para que reflectam seriamente e orem sobre ele durante segunda e terça-feira. Talvez possa iniciar a reunião de quarta-feira dando tempo para que sejam apresentadas as conclusões dessa reflexão e orem sobre elas.



A Geração do Reavivamento

Se um homem não descobriu algo pelo qual
morrer, não é merecedor da vida.
Martin Luther King Jr.

QUARTA-FEIRA

É fácil morrer por Cristo. O difícil é viver para Ele. Morrer leva apenas uma ou duas horas, mas viver para Cristo significa morrer diariamente. Durante alguns anos nesta vida, temos o privilégio de nos servirmos uns aos outros e a Cristo ... Nós desfrutaremos o Céu para sempre, mas só dispomos de pouco tempo para o serviço aqui. Portanto, não devemos desperdiçar a oportunidade.

Sadhu Sundar Singh

Lázaro, sai para fora!

João 11:43

Orações dão início a reavivamentos. Balas também. Depois do massacre de Columbine, em Littleton, Colorado, parece ter surgido um certo tipo de reavivamento entre os nossos jovens. Embora se discuta quais foram as últimas palavras de Cassie Bernall, a história do seu desafiador “sim”, quando lhe foi perguntado, com um revólver apontado à cabeça, se cria em Deus, elevou-a à condição de mártir e sensibilizou a nação.

Um artigo do Washington Post, datado de 14 de Outubro de 1999, captou os sentimentos de muitos cristãos adolescentes:

Desde o primeiro minuto em que a história foi relatada, ela fez sucesso.

“No dia do tiroteio, alguma coisa explodiu dentro do meu coração, justamente quando me foi dito que éramos a geração do reavivamento, que iríamos dizer sim a Deus e mesmo dar a nossa vida”, diz Josh Wiedmann, um aluno da universidade e fundador da Geração do Reavivamento de Littleton.

À medida que o tempo passa, muitos cristãos pensam na história de Cassie como a prova da existência de Deus. Um artigo de capa na revista *Christianity Today* argumenta que o heróico sim, com o cano do revólver encostado à sua cabeça, foi o momento de definição desta geração, muito mais do

que os assassinatos do presidente Kennedy e de Martin Luther King Jr. o foram para a geração anterior.

Mas os sinais de reavivamento entre os adolescentes já tinham obtido notoriedade nacional muito tempo antes da tragédia de Columbine. Na sua edição de Setembro/Outubro de 1998, a revista *Pray!* salientou o reavivamento adolescente, tendo como texto de capa as palavras: “Será esta a Geração? Adolescentes de Oração Ganham o Mundo Para Cristo.” Programas como “Encontramo-nos no pólo” e “Desafio 2000” – um plano de implantação de um grupo de oração e estudo da Bíblia conduzido por estudantes em cada uma das escolas de ensino básico, médio e superior nos Estados Unidos – são indicativos de que algo está a acontecer entre os nossos jovens.

Os adolescentes cristãos estão a orar com fervor pelos seus amigos afastados. Eles estão a formar grupos de oração de três elementos – três adolescentes reúnem-se e oram por três dos seus amigos. Estão a orar “armário por armário”, isto é, por aqueles cujos armários na escola estão colados aos seus. Outros métodos podem estar a ser usados, mas são todos prova de que algo está a acontecer.

Em todo o mundo, os jovens estão a criar grupos de oração e de estudo da Bíblia e estão a fazer mais e melhor do que nós, adultos, nessa aproximação de Deus!

A NOSSA VEZ?

Os nossos jovens estão a começar a dizer “sim” a Deus. E nós? E se o fazemos, o que

significa o nosso “sim”? Qual é a pergunta?

Para mim, a pergunta que ouvi o meu Senhor fazer é: “Queres melhorar?” “Queres que a Minha glória volte à tua vida?” “Queres o reavivamento?” Embora eu não esteja a olhar para o cano de uma arma de fogo ao fazer a minha escolha, percebo que a resposta positiva, como a de Cassie Bernall e de Rachel Scott, e de muitos outros antes delas, resultará em morte – a morte do próprio eu.

E é aqui que eu hesito – e tremo. Porquê? Porque o eu clama por misericórdia. Porque o eu



Talvez eu não esteja seguro da minha capacidade de ficar firme ao lado de Deus sob a mira de um revólver por causa da minha pouca firmeza ao deparar-me com um programa de TV questionável.

quer viver. Pergunto-me a mim mesmo, e estou certo de que milhões de outros cristãos também o fazem, se eu teria permanecido ao lado de Deus com o aço frio do

revólver a fazer pressão sobre as minhas têmperas. Não sei. Estou certo de que Cassie também não sabia antes daquele aterrorizante momento. Creio que Deus outorga a fé de mártir quando ela é necessária, e não antes.

Mas aí é que está. Talvez eu não esteja seguro da minha capacidade de ficar firme ao lado de Deus sob a mira de um revólver, por causa da minha pouca firmeza quando me deparo com um programa de TV questionável. Talvez eu hesite em dizer “sim” a Deus agora, porque Lhe digo “não” todos os dias. Entende o que quero dizer? Como cristãos, enfrentamos escolhas de vida e morte todos os dias – situações que pedem para crucificarmos o eu ou o Salvador. É Barrabás ou Jesus novamente. E quantas vezes, para minha vergonha, escolhi Barrabás!

Reavivamento não é o que a maioria de nós imagina. Há muitas ideias sobre o que é o verdadeiro reavivamento. Há muitos lugares em que risos descontrolados, choros aflitivos, estremecimentos, rugidos de leão e vários sinais, maravilhas e línguas estranhas são considerados evidências de reavivamento. A ênfase que parece estar a prevalecer é a de uma experiência esotérica – quanto mais bizarra, melhor.

Mas, no verdadeiro reavivamento, nem as vívidas emoções e nem mesmo as curas miraculosas têm precedência sobre a convicção de que o Espírito Santo deve dar-nos mais poder interior para nos tornar, como Cristo, filhos e servos humildes, submissos à vontade do Pai, ou não se trata de modo

algum da obra genuína e pura do Espírito Santo.

Enquanto os homens procuram milagres e manifestações, Deus procura humildade e fé simples. Embora possamos desejar um reavivamento marcado pelo êxtase, o reavivamento de que necessitamos, e o único que Deus anseia conceder, é o da obediência. Um reavivamento da sensibilidade espiritual e um renovado desejo de contacto com as coisas divinas. Uma paixão renovada pela presença de Deus e pela Sua Palavra, mais do que ansiamos pelas Suas bênçãos. Um reavivamento do amor pelos perdidos. Um reavivamento da energia, da visão e da coragem de fazer algo, de reagir com base no que ouvimos Deus dizer, de viver diariamente aquilo em que dizemos crer.

REAVIVAMENTO VIRTUAL

Mas tudo isso está em dissonância com os nossos tempos. A nossa cultura está intoxicada com entretenimento. Cada vez mais casas de espectáculos, mais cinemas, restaurantes e lojas estão a ser construídas. Os jogos de vídeo são cada vez mais reais, com gráficos que deslumbram e apelam à imaginação. Vivemos vidas “virtuais”. Estamos a perder rapidamente a capacidade de discernir entre o que é real e o que não é.

Há alguns anos, li numa revista que quando as pessoas procuram entrar no mundo da “realidade virtual” é porque, no momento, a realidade deve estar em falta.

Poderia isso dizer-se da igreja

hoje? Está o insaciável apetite cultural por entretenimento a manifestar-se nas nossas igrejas? Estamos a contentar-nos com um cristianismo “virtual” porque, pelo menos no momento, a realidade está em falta? Oh, meus amigos, tenhamos cuidado com esse erro!

Lembra-se dos sete filhos de Ceva? Passavam pela cidade e tentavam “invocar o nome do Senhor Jesus sobre possessos de espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega” (Actos 19:13). Note que eles diziam “a quem Paulo prega”. Não conheciam Jesus pessoalmente. Não estavam cheios do Espírito Santo, mas queriam mostrar que sim. Por isso, imitavam o que viam Paulo fazer, e procuravam a experiência “virtual” em vez da realidade. Balbuciavam palavras que pareciam “correctas” e usavam técnicas que se assemelhavam às “correctas”. Sabe o que aconteceu. Um dia, “o espírito maligno respondeu-lhes: Conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois? E o possesso do espírito maligno lançou-se sobre eles, subjugando a todos, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa” (Actos 19:15 e 16).

Você pode ser capaz de reproduzir a silhueta de Nova Iorque, os canais de Veneza ou ainda as pirâmides do Egipto no deserto de Las Vegas, mas não pode falsificar a glória do Deus Todo-poderoso! A. W. Tozer denuncia esse tipo de cristianismo “virtual” quando diz:

“Os trágicos resultados desse espírito estão diante de nós: vidas superficiais, filosofias religiosas

vazias, a preponderância de elementos de diversão nas reuniões evangelísticas, a glorificação dos homens, a confiança em coisas religiosas exteriores, companheirismo aparentemente religioso, métodos comerciais, o confundir uma personalidade dinâmica com o poder do Espírito... Nenhuma pessoa é responsável por essa insidiosa enfermidade que nos afecta, e nenhum cristão está completamente livre de culpa. Todos nós temos contribuído, directa ou indirectamente, para essa triste situação. Temos estado demasiado cegos para ver, demasiado tímidos para nos expressar, ou demasiado satisfeitos connosco mesmos para desejar algo melhor do que a pobre e mediana dieta com a qual os outros parecem acomodados; e, pior de tudo, temos feito com que a Palavra da Verdade se conforme à nossa experiência e aceite esse plano inferior como o banquete dos salvos.”

Como Israel aprendeu quando a arca foi capturada pelos filisteus, a forma sem a substância não tem valor. Onde não há a glória de Deus, o povo perece.

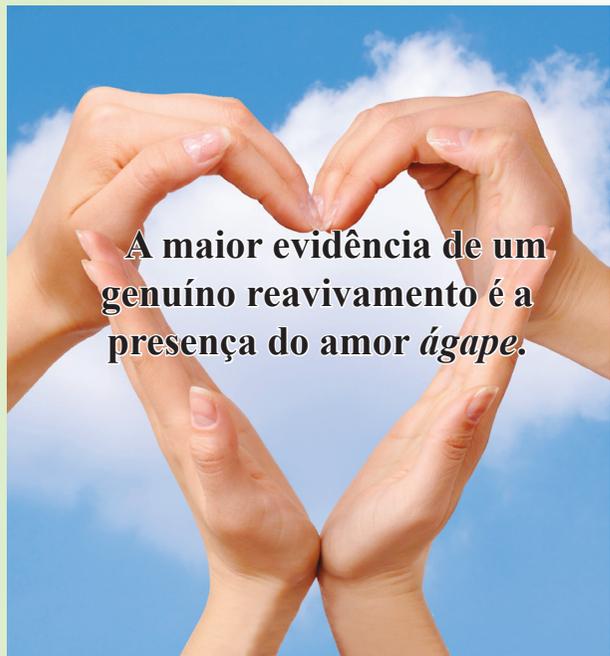
A COISA REAL

A que é que se assemelha o reavivamento? O que seria a maior manifestação do Espírito Santo no nosso meio? Que fenómeno ou ocorrência sobrenatural seria a maior prova de que estamos a experimentar o derramamento e a plenitude do Espírito Santo?

Penso que a maior evidência de um reavivamento genuíno é a presença do amor *ágape*. Amor por

Deus e amor de uns para com os outros. Porquê? Porque “o fruto do Espírito é o amor” (Gál. 5:22). E o que temos visto entre os jovens e ouvido sair da sua boca é um renovado amor por Deus e pelos outros. O amor de Deus tem-se apossado deles e motiva-os a partilhar esse amor com os seus semelhantes.

“E acontecerá, depois, que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o Meu Espírito naqueles dias” (Joel 2:28 e 29).



A maior evidência de um genuíno reavivamento é a presença do amor ágape.

Será que estamos a ver hoje o cumprimento da profecia de Joel? Estarão as primeiras gotas do derramamento da tão longamente esperada chuva serôdia a começar a cair? Comentando acerca deste tempo maravilhoso, Ellen White escreve: “Ver-se-ão... muitos a correr de uma parte para outra, constringidos pelo Espírito de Deus, para levar a luz a outros.

A verdade, a Palavra de Deus, é como um fogo nos seus ossos, enchendo-os de ardente desejo de esclarecer os que se assentam nas trevas... Crianças são impelidas pelo Espírito a ir e declarar a mensagem do Céu.” (*Evangelismo*, pág. 700)

E novamente: “Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre os Seus filhos.” (*O Grande Conflito*, pág. 464)

As reuniões de oração, que estão a aumentar em número e a despertar cada vez mais interesse em todo o mundo, serão uma fantasia passageira? Um fogo de palha? Está Deus realmente a preparar o Seu povo para receber a chuva serôdia? Só o tempo o dirá. Mas de uma coisa eu acho que podemos ter a certeza: nesses encontros, jovens e velhos estão a procurar a promessa,

reclamando-a e confiando nela de maneira nunca antes vista.

“A descida do Espírito Santo sobre a igreja é olhada como estando no futuro; é, porém, o privilégio da igreja tê-la agora. Procurem-na, orem por ela, creiam nela. Precisamos de a ter, e o Céu espera para a conceder.” (*Review and Herald*, 19 de Março de 1895)

QUANDO O POVO DE DEUS ORA PELO REAVIVAMENTO

Quando irá isso acontecer? Só Deus sabe exactamente quando o derramamento final acontecerá, mas:

“Não devemos esperar pela chuva serôdia. Ela virá sobre todos os que reconhecerem e se apropriarem do orvalho e das chuvas de graça que caem sobre nós. Quando juntarmos os fragmentos de luz, quando apreciarmos as misericórdias de Deus, que anela que confiemos n’Ele, então cada promessa será cumprida [citação de Isaías 61:11]. Toda a Terra será cheia da glória do Senhor.” (*Comentário Bíblico ASD*, vol. 7, pág. 984)

Há alguns que, em vez de aproveitar sabiamente as oportunidades presentes, estão indolentemente à espera de alguma ocasião especial de refrigério espiritual, pelo qual as suas capacidades para iluminar outros sejam grandemente aumentadas. Eles negligenciam os deveres e privilégios do presente e deixam que a sua luz se apague, enquanto esperam um tempo em que, sem nenhum esforço da sua parte, sejam feitos os recipientes de bênçãos especiais, pelas quais sejam transformados e tornados aptos para o serviço.” (*Actos dos Apóstolos*, pág. 54)

Por outras palavras, faça as coisas pequenas. Forme o hábito de dizer “sim” a Deus nas pequenas batalhas do dia-a-dia, e estará pronto para Lhe dizer “sim” nas grandes batalhas vindouras. Cada “chuvisco” de bênçãos que desce sobre si e cada gota do orvalho celestial que cai

devem ser juntados. Não perca a oportunidade de dizer “sim” a Jesus – para que a Sua glória seja manifestada a outros por seu intermédio. Isso é o que significa receber a “chuva temporã”, e agora é tempo de se molhar.

Agora é o tempo de pedir coragem a Deus para tomar posse da promessa de reavivamento.

Agora é o tempo de pedir coragem a Deus para tomar posse da promessa do reavivamento.



Agora é o tempo de implorar que cure os nossos olhos secos com o colírio celestial. *Agora* é o tempo de mitigar a insaciável sede de justiça que Deus implantou em nós. *Agora* é o tempo de as igrejas e os cristãos procurarem Deus, vigiarem e orarem pelo derramamento do Espírito. *Agora* é o tempo de orar a pedir um coração compassivo que anseie pela salvação das pessoas e palpíte de amor pelos nossos irmãos e irmãs – mesmo por aqueles de quem discordamos e que são desagradáveis. *Agora* é o tempo de escolher Cristo em vez da cultura, de crer que a

mensagem do terceiro anjo tem poder em si própria para vencer os preconceitos raciais e tornar-nos um. *Agora* é o tempo de crer que os ossos secos podem viver e que com Deus todas as coisas são possíveis. *Agora* é o tempo de pedir coragem a Deus para tomar posse da promessa do reavivamento. *Agora* é o tempo de amar a Deus mais do que nos amamos a nós mesmos. *Agora* é o tempo do reavivamento!

A GERAÇÃO DO REAVIVAMENTO

Não há atalhos para o reavivamento. O “sim” de Cassie Bernall resultou na sua morte. Mas as balas de 20 de Abril de 1999 não lhe tiraram a vida. Cassie tinha morrido muito antes dessa data quando, depois de se interessar brevemente pelo escuro mundo do ocultismo, disse sim a Jesus Cristo como Senhor da sua vida. *Essa* morte – a morte do eu – veio primeiro. Por isso, ela recebeu o dom da vida eterna que nenhuma bala podia tirar.

A maioria de nós não terá que passar pelo martírio. De momento, temos a difícil tarefa de *viver* por Cristo, o que significa morrer diariamente para a justiça própria, para a auto-promoção, para a auto-suficiência, para o egocentrismo e para o amor-próprio. Se verdadeiramente quisermos pertencer à geração do reavivamento, o grupo final de pessoas na Terra, os que “guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apoc. 14:12), a nossa resposta a Deus será “sim”, e esse “sim” abalará os céus e iluminará toda a Terra com a Sua glória (Apoc. 18:1).

ACORDEM!

Lembra-se de quando Jesus disse aos discípulos que ia a Betânia para despertar o Seu amigo Lázaro? Os discípulos, lentos de compreensão, pensavam que Jesus queria dizer que Lázaro estava literalmente a dormir e a descansar – o que seria bom para a sua doença. Então Jesus disse-lhes claramente: “Lázaro morreu” (João 11:14). Essa notícia foi como um duro golpe para os discípulos. O amigo do Senhor estava morto. Não havia esperança. Mas a boa notícia era que Jesus ia despertá-lo.

Meus amigos, Jesus vem despertar de novo os Seus amigos. Não me refiro à Sua segunda vinda nas nuvens, quando dirá aos que dormem no pó: “Despertem!” Não me refiro à ressurreição literal, mas à ressurreição espiritual da igreja justamente antes da ressurreição física que ocorrerá quando “o mesmo Senhor descerá do céu, com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro” (I Tes. 4:16).

Jesus está a voltar primeiramente através do derramamento do Espírito Santo, a fim de despertar os Seus santos para a acção, de modo que preparem o caminho do Senhor! Se você for um dos adormecidos, “desperte”! O seu Pai chama-o. Consegue ouvir o Seu chamado? Precisamos de ouvir a Sua voz a chamar-nos para o reavivamento. Caso contrário, não a ouviremos a chamar-nos no dia da ressurreição!

O sono da complacência e dos negócios, induzido pelo diabo,

tem a morte em si mesmo e passa-a para nós. É como a sonolência enfeitiçante descrita no clássico de John Bunyan, *O Peregrino*, que quase venceu Cristão e Esperançoso quando chegaram ao Terreno Encantado, não muito distante da Cidade Celestial. Os dois cansados peregrinos estavam muito perto do seu objectivo – na fronteira da terra prometida! Mas naquele agradável lugar, onde o ar era sempre suave e cálido, o perigo de adormecer e consequentemente de ser roubado ou feito prisioneiro era grande.

Nós também estamos quase no lar. Todos os indicadores revelam que o grande conflito está próximo do seu final e, como Cristão e Esperançoso, *estamos a ficar muito sonolentos!* Mas Jesus vem para nos “despertar”. Talvez já tenha ouvido a Sua voz através dos textos que temos partilhado. Oro para que seja este o caso, pois foi a minha única razão para escrevê-los. Vá até Ele agora e tome posse da promessa. ■



Sugestões para reflexão



1. Dê tempo aos membros e famílias para apresentarem as conclusões a que chegaram no seu estudo pessoal em casa. Orem por esses assuntos.
2. Analise, com os seus membros, o que fariam se estivessem na situação de Cassie.
3. Será possível, na sua igreja, iniciar um movimento de oração entre os jovens?
4. Seria útil e possível começar um movimento de oração entre os adultos?
5. Reflectam: Até que ponto estão a viver diariamente de maneira que Deus possa derramar o Seu Espírito sobre vós?
6. Até que ponto estamos a viver um falso reavivamento, um reavivamento virtual? Divida o grupo em grupos menores e peça que discutam esse tema e apresentem as suas conclusões.
7. Qual pensam ser a maior necessidade da vossa igreja?
8. Orem, em pequenos grupos, para que as conclusões a que chegarem sejam postas em prática.
9. Se acharem bem, preparem um documento, tipo DECLARAÇÃO DE MISSÃO, em que serão definidas as decisões e resoluções da sua igreja, na sua caminhada para o reavivamento.
10. Dê uma cópia desse documento a cada membro/família e afixe-o no quadro da sua igreja.

Dia da Liberdade Religiosa
12 de Janeiro de 2008

“Cristo



libertou-nos para sermos realmente livres.”

Pr. Karel Nowak
Director do Dep. de Comunicação e Liberdade Religiosa
Divisão Euro-africana

“Liberdade” é, provavelmente, a palavra que mais usamos para descrever a nossa experiência. Desfrutamos de liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade religiosa, da liberdade de ganhar a vida conforme queremos.

Mas, muito antes da “liberdade” se tornar uma palavra característica da civilização transatlântica, era uma palavra inteiramente cristã. Os primeiros cristãos descreviam, muitas vezes, a sua experiência da salvação oferecida por Deus em Cristo como uma passagem da escravatura para a liberdade. A salvação, como liberdade da escravatura é uma ideia que atravessa todo o Novo Testamento, mas é especialmente proeminente nas cartas de Paulo, em particular a carta aos cristãos da região da Galácia, na Ásia Menor. Na realidade, o livro de Gálatas tem sido por vezes chamado a “Magna Carta” da liberdade cristã.

Convido-vos a pensar comigo sobre as implicações do que Paulo tem a dizer sobre a liberdade para a forma como vivemos como cidadãos cristãos num país livre.

“Cristo libertou-nos para sermos realmente livres. Portanto, permaneçam firmes e não voltem mais a ser escravos.” Gálatas 5:1

Aprendemos com Paulo que a liberdade é básica para a experiência cristã. “Cristo libertou-nos para sermos realmente livres.” A ideia é tão importante para Paulo que a sua linguagem soa quase redundante: Cristo libertou-nos para que possamos ser livres.

Porque é que Paulo põe as coisas dessa forma? Porque não dizer, apenas, “Cristo libertou-nos”? Porquê a ênfase – “Cristo libertou-nos para sermos realmente livres”?

Talvez Paulo compreendesse a liberdade não só como algo caracteristicamente cristão, mas também como caracteristicamente humano. Ser humano é ser criado à imagem de Deus. Ser feito à imagem de Deus significa muitas coisas, mas uma parte muito importante daquilo que significa ser criado à imagem de Deus é ser livre.

Liberdade é, em primeiro lugar, um dos atributos do próprio Deus. Deus é livre de criar ou não criar;

Deus é livre de criar qualquer espécie de universo que Deus escolha; Deus é livre de salvar ou não salvar. O Deus livre criou-nos à Sua imagem como criaturas dotadas de liberdade – liberdade de escolher o bem ou o mal, o certo ou o errado, a luz ou as trevas, a vida ou a morte. Mas os primeiros seres humanos escolheram o mal em vez do bem, e desde então todos nós depois deles temos escolhido o mal em vez do bem, com o resultado de todos nos termos tornado escravos – escravos do pecado, cativos do mal que escolhemos.

Sem Cristo, a nossa liberdade de escolher o bem é limitada – ainda somos capazes de fazer coisas boas e belas, mas muitas vezes sentimos que é muito mais fácil fazer o que é errado do que o que é certo. O que Cristo faz ao libertar-nos é restaurar a liberdade da imagem de Deus. Continuamos a ser capazes de fazer o mal – se não o fôssemos, não seríamos verdadeiramente livres. Mas, agora, através de Cristo, somos livres de viver como Deus nos criou para viver, porque Cristo, através do Espírito Santo, dá-nos o poder de viver de forma justa, de viver uma vida que reflecte o próprio carácter de Deus. Cristo libertou-nos para sermos livres.

A liberdade é básica na experiência cristã. Por outro lado, os cristãos têm sempre dificuldade em compreendê-la, em vivê-la e em dá-la a outros. Podemos encontrar muitos exemplos positivos, mas ainda mais exemplos negativos na história da igreja cristã.

Por exemplo, os partidários da chamada “reforma radical”, ou Anabaptistas, eram pessoas que se viram espiritualmente escravizadas por um governo que requeria que adorassem numa certa forma.

Em 1609, um pequeno grupo de dissidentes perseguidos da igreja oficial do estado em Inglaterra encontraram refúgio e liberdade nos Países Baixos. Em Amesterdão, formaram a primeira congregação de que se tem registo.

John Smyth, um dos co-fundadores dessa primeira congregação Baptista, escreveu uma confissão de fé para a sua congregação com estas palavras sobre liberdade religiosa: “O magistrado não deve, em virtude da sua posição, intrometer-se na religião, ou assuntos de consciência, para forçar ou compelir os homens para esta ou aquela forma de religião, ou doutrina, mas deve deixar a religião cristã livre, à consciência de cada um, e deve lidar apenas com transgressões civis.”

Alguns destes Baptistas acabaram por se dirigir para as colónias da América, onde esperavam encontrar liberdade para viverem de acordo com a sua perspectiva e compreensão da fé. Foi a pressão da parte destes grupos que levou James Madison a avançar com as emendas à Constituição, conhecidas como “Declaração de Direitos” (*Bill of Rights*), incluindo a Primeira Emenda ordenando que “o Congresso não passará qualquer lei com respeito ao estabelecimento de religião, ou proibindo o livre exercício dela”.

A liberdade religiosa, garantida pela separação entre a igreja e o estado, é uma contribuição notável da reforma radical para as liberdades que hoje desfrutamos.

Aprendemos com Paulo não só que a liberdade é básica para a experiência cristã, mas também que a liberdade é preciosa e tem de ser zelosamente guardada. Paulo continua: “*Portanto,*

permaneçam firmes e não voltem mais a ser escravos.”

Paulo escrevia a um grupo de cristãos que estavam tentados a desistir do seu direito de liberdade pessoal em Cristo. Através do ministério de Paulo, tinham aprendido que Cristo os libertara de terem de fazer certas coisas, realizar certos rituais ou seguir certos costumes para terem um bom relacionamento com Deus. Mas, agora, outro grupo de cristãos tinha tentado dizer-lhes que a fé em Cristo, por si só, não era suficiente; argumentavam que os que quisessem juntar-se ao povo de Deus tinham, primeiro, de se tornar judeus – obedecer à lei judaica e, se fossem homens, serem circuncidados. Mas Paulo usou uma linguagem muito forte (para um ministro!) ao opor-se a esta ameaça à liberdade em Cristo: “*Aqueles que vos andam a desorientar com a circuncisão, melhor seria que se castrassem*” (5:12, versão Boa Nova. N. d. R.: Usámos esta versão para seguir a linha de pensamento do autor. A versão de João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida, da Sociedade Bíblica, diz: *Eu quereria que fossem cortados aqueles que vos andam a inquietar*. Na nossa perspectiva, Paulo sugere aqui que sejam eliminados, cortados, expulsos da congregação aqueles que semeavam as ideias erradas em questão).

Hoje, tal como nos dias de Paulo, abundam as ameaças à liberdade religiosa. Não estou a sugerir que imitemos Paulo ao dizer àqueles que ameaçam a liberdade religiosa o que deveriam fazer a si mesmos, mas digo que a liberdade religiosa é preciosa e que vale todos os esforços que possamos fazer para a preservarmos.

A liberdade é fundamental na experiência cristã. A liberdade é preciosa, e deve ser zelosamente preservada. Também aprendemos com Paulo que a liberdade é melhor preservada quando centramos a nossa atenção nos outros em vez de em nós próprios. No verso 13, ele escreveu: *“Mas vocês, meus irmãos, foram chamados para a liberdade. Que essa liberdade não seja uma desculpa para seguirem os vossos maus instintos. Pelo contrário, que o amor vos faça servir uns aos outros.”* O paradoxo da nossa liberdade é que somos livres ao máximo quando abandonamos a nossa escravidão ao eu e a trocamos pela escravidão voluntária para com os outros.

Paulo continuou a defender esta ideia ao fazer eco do resumo que Jesus fez de toda a lei do Velho Testamento como amar Deus e amar o próximo como a nós mesmos. Podemos olhar para a liberdade numa de duas maneiras. Podemos ver a liberdade como a nossa independência, separação em relação aos outros, ou podemos vê-la como independência para os outros. Podemos ver a liberdade como liberdade para mim, liberdade para fazer o que quero. Ou podemos ver liberdade como liberdade para nós. Podemos ver a nossa liberdade como estando inextricavelmente ligada à liberdade dos outros. A liberdade do evangelho não é a liberdade para o eu, mas para o eu em relação aos outros.

Deixem-me ilustrar a diferença entre estas duas maneiras de ver a liberdade em termos de duas abordagens diferentes à liberdade religiosa que existiam na Nova Inglaterra Colonial. Uma abordagem era a dos Puritanos que fundaram a colônia de Massachusetts Bay. Estes colonos eram Puritanos

militantes, cheios de zelo santo e intolerância rígida para com todos os que diferissem dos seus conceitos teocráticos. Eles conseguiram estabelecer a Igreja Congregacional como a religião patrocinada pelo estado da maior parte da Nova Inglaterra. Esta aliança entre igreja e estado exigia conformidade religiosa como pré-requisito de boa cidadania. Isso implicou uma severa perseguição a todos os que ousavam divergir da religião oficial.

Ironicamente, estes Puritanos tinham fugido da Inglaterra, porque eles próprios tinham sido perseguidos por divergiem da religião oficial do estado. Queriam liberdade para si mesmos, mas não queriam estender essa liberdade aos outros.

Um deles era um ministro chamado Roger Williams. Em 1636, Roger Williams foi banido da colônia de Massachusetts por discordar da religião do estado e questionar a autoridade do governo estatal nos assuntos religiosos. Williams e vários dos seus amigos compraram terra aos nativos Americanos – o que era uma coisa extraordinária: enquanto outras colônias foram estabelecidas em terras usurpadas aos nativos americanos, Williams acreditava que a terra lhes pertencia por direito e que lhes devia ser comprada. Nessa terra fundaram a colônia de Providence que, mais tarde, se tornou o estado de Rhode Island. Em Providence, Williams fundou a primeira igreja Baptista da América. Williams ajudou a dar forma aos conceitos de liberdade religiosa que são hoje parte integrante da nossa liberdade. Em Providence, estabeleceu um estado secular, um estado separado da igreja, em que Protestantes, Católicos, Muçulmanos, Judeus, e até ateus, tinham as mesmas liberdades. Roger

Williams compreendia a liberdade religiosa como liberdade para os outros.

Quando deixamos de preservar a liberdade religiosa como liberdade para os outros, o resultado é o que Paulo sugere no versículo 15: mordemo-nos e devoramo-nos uns aos outros, e estamos em perigo de nos destruímos uns aos outros. Quando a liberdade é nada mais do que liberdade para o eu, tornamo-nos uma nação de grupos de interesses especiais em guerra uns contra os outros, com cada lado a tentar ganhar a liberdade apenas para fazer o que quer e, por vezes, para fazer com que os outros façam o que quer.

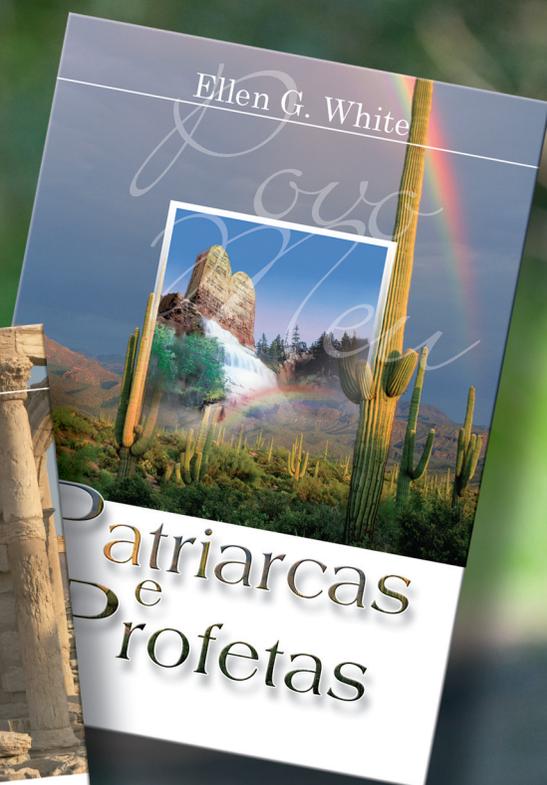
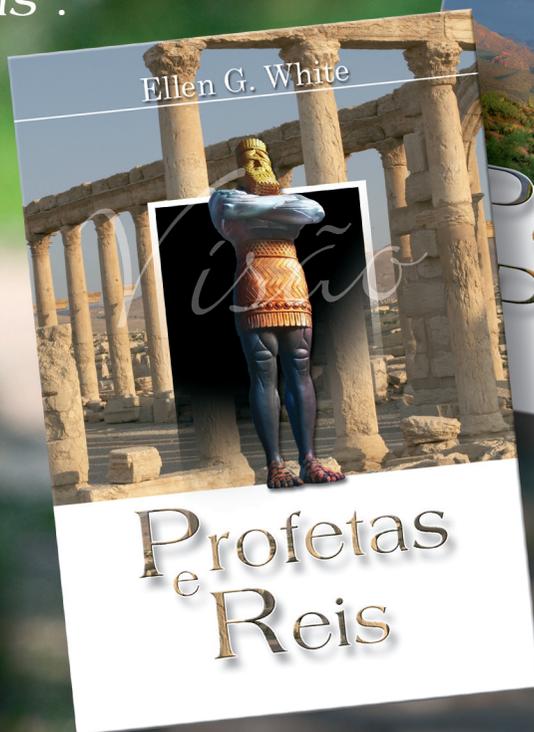
Os grupos cristãos que eram uma minoria perseguida, fizeram todos os esforços para assegurar liberdade não apenas para si mesmos, mas também para os outros com quem não concordavam. Agora, quando em algumas partes do mundo esses grupos formam a maioria da população, estão tentados a usar a sua liberdade de forma egoísta e até a usarem a autoridade do estado para impor a sua fé e moralidade a outros. Precisamos de nos lembrar dos ensinamentos de Jesus: *Em tudo o que faças, faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti.*

A verdadeira abordagem cristã – como a de Cristo – da liberdade religiosa é a compreensão de que é, em primeiro lugar, a liberdade para os outros. A liberdade é a essência daquilo que significa ser cristão. É um princípio precioso, conseguido com muito esforço e sofrimento, que devemos, nós mesmos, esforçarmo-nos por proteger. Fazemos isso de forma mais eficaz quando o fazemos para preservar a liberdade dos outros em vez da nossa própria liberdade. ■

Acompanhe o relato dos acontecimentos da Bíblia, desde os primórdios da História da Humanidade até às promessas de eternidade.

Conheça os verdadeiros amigos de Deus nos livros “Patriarcas e Profetas” e “Profetas e Reis”.

Actos dos Apóstolos
(em breve)



“O Desejado de Todas as Nações” é considerado um instrumento valioso na apresentação da revelação do amor de Deus, através da vida do Seu Filho, Jesus.

Encomende à:

Publicadora SerVir: Rua da Serra, nº1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel.: 21 962 62 00 / Fax: 21 962 62 02

